

# O fazer artesanal de tradição nas regiões do Delta do Parnaíba e dos parques nacionais de Jericoacoara e Lençóis Maranhenses

O fazer artesanal de tradição nas regiões do Delta do Parnaíba e dos parques nacionais de Jericoacoara e Lençóis Maranhenses



Equipe ArteSol



Ministério do Turismo



2010



Série Cooperação Brasil-Espanha para o Turismo Sustentável

Série Cooperação Brasil-Espanha para o Turismo Sustentável – V. 3

# **O fazer artesanal de tradição nas regiões do Delta do Parnaíba e dos parques nacionais de Jericoacoara e Lençóis Maranhenses**

Brasília-DF, 2010



## GOVERNO BRASILEIRO

Presidente da República Federativa do Brasil  
*Luiz Inácio Lula da Silva*

Ministro do Turismo  
*Luiz Eduardo Pereira Barretto Filho*

Secretário Executivo  
*Mário Augusto Lopes Moyses*

Secretário Nacional de Programas de  
Desenvolvimento do Turismo  
*Frederico Silva da Costa*

Diretora do Departamento de Qualificação e  
Certificação e de Produção Associada ao Turismo  
*Regina Cavalcante*

Coordenadora-Geral de Projetos de Estruturação  
do Turismo em Áreas Priorizadas  
*Kátia T. P. da Silva*

Coordenação-Geral de Qualificação e Certificação  
*Luciano Paixão Costa*

Coordenação-Geral de Produção Associada  
*Ana Cristina Façanha de Albuquerque*

## GOVERNO ESPANHOL

Embaixador da Espanha no Brasil  
*Carlos Alonso Zaldivar*

Coordenador-Geral da Cooperação  
Espanhola no Brasil  
*Pedro Flores Urbano*

Diretora de Programas da Agência  
Espanhola de Cooperação Internacional  
para o Desenvolvimento (Aecid)  
*Rosario Boned Abad*

Diretor de Projetos da Agência  
Espanhola de Cooperação Internacional  
para o Desenvolvimento (Aecid)  
*Alejandro Muñoz Muñoz*

## CONVÊNIO MTur/IABS 345/2007

### EQUIPE MINISTÉRIO DO TURISMO (MTur)

Coordenação Geral  
*Kátia T. P. da Silva*

Equipe Técnica  
*Rodrigo Ramiro*  
*Breno Teixeira*  
*Nilvana Soares*

### EQUIPE AGÊNCIA ESPANHOLA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO (Aecid)

Coordenação Geral  
*Pedro Flores Urbano*

Equipe Técnica  
*Rosario Boned Abad*  
*Alejandro Muñoz Muñoz*

### EQUIPE INSTITUTO AMBIENTAL BRASIL SUSTENTÁVEL (IABS)

Coordenação Geral  
*Luis Tadeu Assad*

Equipe Técnica  
*Milton Amado Krüger Martins*  
*Eric Jorge Sawyer*  
*Flávio Silva Ramos*  
*Anne Rossignoli Schwindt*

Série Cooperação Brasil-Espanha para o Turismo Sustentável – V. 3

# **O fazer artesanal de tradição nas regiões do Delta do Parnaíba e dos parques nacionais de Jericoacoara e Lençóis Maranhenses**

Equipe ArteSol

Brasília-DF, 2010



CONVÊNIO MTur/IABS-345/2007

Ministério do Turismo (MTur)

Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Aecid)

Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS)

Fotos: Acervo ArteSol

EQUIPE ARTESANATO SOLIDÁRIO/ARTESOL

Presidência do Conselho Diretor: Maria do Carmo de Abreu Sodré Mineiro

Coordenação executiva: Helena Sampaio

Equipe de campo: Macao Goes e Jacqueline Melo

Monitoramento e gestão do projeto: João Guilherme Machado,

Marcela Hitomi Toguti, Viviane Cristina Pinto, Janaina Nascimento, Carlos Labriola Sandler

Difusão e comunicação: Claudia Cavalcanti

Capa: Frederico Augusto Gall

Revisão, padronização e edição final: Editorial Abaré

### **Ficha Catalográfica**

---

O fazer artesanal de tradições nas regiões do Delta do Parnaíba e dos parques nacionais de Jericoacoara e Lençóis Maranhenses

O fazer artesanal de tradições nas regiões do Delta do Parnaíba e dos parques nacionais de Jericoacoara e Lençóis Maranhenses / Editora IABS – Instituto Ambiental Brasil Sustentável / Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Aecid) / Ministério do Turismo (MTur-Brasil) – Brasília, DF, Brasil : 2010.

ISBN: 978-85-99827-11-6  
112p.

1. Qualificação de mão de obra – Artesanato. 2. Turismo. 3. Cooperativas. I. Título. II. Ministério do Turismo (MTur-Brasil). III. Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Aecid). IV. Editora IABS.

CDU 331.1  
333.7  
334

---

## APRESENTAÇÃO

**E**ste livro registra os dados referentes aos oito municípios previamente selecionados no Projeto 002/08, que integrou o Convênio Mtur/IABS 345/2007 com o Artesanato Solidário/ArteSol. A análise situacional foi feita nos parques Nacionais do Delta do Parnaíba, de Jericoacoara e dos Lençóis Maranhenses, nos municípios de Itarema e Camocim, no Estado do Ceará; Ilha Grande, Parnaíba e Luís Correia, no Estado do Piauí; Paulino Neves, Tutoia e Barreirinhas, no Estado do Maranhão; além de diagnósticos nos municípios de Cruz, no Estado do Ceará, e Jijoca de Jericoacoara, no Estado do Ceará.

O objetivo desta publicação é apresentar os critérios que orientam a definição dentre os dez municípios visitados, nas diversas tipologias de artesanato de tradição mapeadas, e dentre os grupos de artesãos que pudemos conhecer durante o trabalho de campo, aqueles que participarão das ações formativas do Artesanato Solidário/ArteSol.

Esta é a terceira publicação da série Cooperação Brasil Espanha para o turismo sustentável, em parceria com o Ministério do Turismo e o Instituto Ambiental Brasil Sustentável, do qual o ArteSol tem a honra de participar com uma consultoria técnica especializada para a identificação de grupos de fazer artesanal de tradição.



# SUMÁRIO

---

Apresentação SNPDTur .....	09
Apresentação Aecid .....	11
Apresentação IABS .....	13
<b>ANÁLISES SITUACIONAIS</b> .....	15
<b>CEARÁ</b> .....	19
Análise situacional do município de Itarema – Síntese .....	19
Análise situacional do município de Camocim – Síntese .....	20
<b>MARANHÃO</b> .....	21
Análise situacional do município de Barreirinhas – Síntese .....	21
Análise situacional do município de Tutoia – Síntese .....	22
Análise situacional do município de Paulino Neves – Síntese .....	23
<b>PIAUÍ</b> .....	24
Análise situacional do município de Parnaíba – Síntese .....	24
Análise situacional do município de Ilha Grande – Síntese .....	25
Análise situacional do município de Luís Correia – Síntese .....	26
Diagnósticos .....	29
<b>JIJOCA DE JERICOACOARA</b> .....	33
O artesanato local .....	34
Crochê .....	34
Trançados .....	35
Pontos de venda .....	37
Considerações finais e recomendações .....	40
<b>CRUZ</b> .....	42
O artesanato local .....	43
Escultura e entalhe .....	43
Crochê .....	46
Trançado e cestaria .....	48



Artesanato variado .....	50
Pontos de venda.....	51
Instituições de apoio ao artesanato no município .....	54
Considerações finais e recomendações .....	54
<b>OFICINAS.....</b>	<b>57</b>
<b>CEARÁ .....</b>	<b>58</b>
Resultados obtidos.....	59
Conteúdos da oficina.....	61
Resultados obtidos.....	62
<b>CRUZ .....</b>	<b>64</b>
Conteúdos da oficina.....	66
Resultados obtidos.....	68
Resultados obtidos.....	70
<b>JIJOCA DE JERICOACOARA.....</b>	<b>71</b>
<b>MARANHÃO .....</b>	<b>76</b>
Barreirinhas .....	76
Paulino Neves.....	79
Conteúdo desenvolvido.....	80
Resultados obtidos.....	85
<b>PIAUÍ .....</b>	<b>85</b>
Parnaíba – Bairro João XXIII.....	85
Resultados obtidos.....	87
Parnaíba – Bairro Santa Luzia .....	93
Considerações finais e sugestões .....	98
<b>ANEXO – FICHAS DE PRODUTOS .....</b>	<b>100</b>
Piauí .....	100
Parnaíba .....	100
Ceará.....	103
Camocim .....	103
Cruz .....	104
Jijoca de Jericoacoara .....	105
Maranhão .....	107
Barreirinhas .....	107

### SECRETARIA NACIONAL DE PROGRAMAS E DESENVOLVIMENTO DO TURISMO - SNPDTur

A Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo (SNPDTur), do Ministério do Turismo, subsidia a formulação dos planos, programas e ações destinados ao desenvolvimento e fortalecimento do turismo nacional. Também formula e acompanha os programas de desenvolvimento regional do turismo e a promoção do apoio técnico, institucional e financeiro necessário ao fortalecimento da execução e participação dos estados, do Distrito Federal e dos municípios nesses programas. Para a execução de suas atividades a Secretária conta com os Departamentos de:

Infraestrutura Turística (DIETUR) que apóia projetos para a expansão da atividade turística e a melhoria da qualidade do produto para o turista em diversas regiões do País, como a implantação de sinalização turística, os centros de informações e infraestrutura turística como urbanização, acessibilidade, centros de eventos, entre outros.

Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) que apóia projetos para a estruturação e o desenvolvimento da atividade turística em bases sustentáveis como forma de gerar benefícios econômicos e sociais para a população, com a implantação de infraestrutura necessária para o desenvolvimento do turismo, fortalecimento institucional, qualificação em ocupações básicas e empresarial promoção, entre outras ações;

Financiamento e Promoção de Investimentos no Turismo (DFPIT) que elabora estudos e pesquisas para a melhoria da competitividade de empreendimentos turísticos e de setores auxiliares do turismo e a divulgação das oportunidades de investimentos no setor em eventos específicos, nacionais e internacionais;

Qualificação e Certificação e de Produção Associada ao Turismo (DCPAT) que apóia programas e ações de para o desenvolvimento da qualificação e certificação de profissionais, de equipamentos e serviços turísticos; ações de produção associada para o incremento da produção artesanal e demais produtos associados ao turismo que agreguem valor ao destino tu-

rístico, bem como sua promoção e comercialização e o fomento a projetos de desenvolvimento turístico local e de inclusão social, com o apoio técnico, institucional e financeiro necessários às regiões com potencial turístico e de baixa renda per capita, em conformidade com o Plano Nacional de Turismo.

No âmbito do DCPAT, por meio do Acordo de Cooperação com a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID, foi formulado e esta em fase de implementação o Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Turismo, nas regiões do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses - MA, de Jijoca de Jericoacoara - CE, da Reserva Extrativista do Delta do Parnaíba e do Parque Nacional da Serra da Capivara – PI. , com o objetivo de gerar trabalho e renda para a população local nas atividades relacionadas com o Turismo.

Para executar as ações de estudos e pesquisas, desenvolvimento e adequação da produção associada ao turismo, melhoria dos serviços e produtos das unidades produtivas locais, qualificação em meios de hospedagem, gastronomia, línguas estrangeira e prestação de serviços, o Ministério do Turismo e a AECID estabeleceram parceria com Instituto Ambiental Brasil Sustentável – IABS, por meio do qual este importante estudo foi realizado.

*Frederico Silva da Costa*

Secretário Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo

## AGÊNCIA ESPANHOLA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO (Aecid)

A Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID) é uma Entidade de Direito Público vinculada ao Ministério de Assuntos Exteriores e de Cooperação por meio a Secretaria de Estado de Cooperação Internacional (SECI). Segundo estabelece a Lei 23/1998 de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, a AECID é o órgão de gestão da política espanhola de cooperação internacional para o desenvolvimento, e seu objeto é o fomento, a gestão e a execução das políticas públicas de cooperação internacional para o desenvolvimento, dirigidas a combater a pobreza e a conseguir um desenvolvimento humano sustentável nos países em desenvolvimento.

O Plano Diretor da Cooperação Espanhola 2009-2012, estabelece as prioridades setoriais no trabalho da AECID, entre as quais destaco o “Crescimento Econômico para a Redução da Pobreza”, cujo objetivo principal é promover a diversificação de iniciativas econômicas respeitosas com o meio ambiente para favorecer um desenvolvimento sustentável, a conservação dos ecossistemas e o aumento das capacidades humanas de desenvolvimento. O objetivo é apoiar e fomentar um crescimento econômico sustentável, inclusivo e equitativo, sustentado na geração de tecido econômico, empresarial y associativo.

Uma das linhas de trabalho que se incluem neste setor é lograr uma efetiva contribuição do turismo sustentável à melhoria da qualidade de vida das comunidades locais, permitindo a conservação de seus recursos naturais e culturais, e a geração de renda para as famílias.

A Espanha é, na atualidade, o segundo destino turístico do mundo e também o segundo país que recebe mais receitas do turismo. O setor, por tanto, é um dos grandes responsáveis pela dinamização econômica da Espanha, que tem acumulado uma vasta experiência ao longo dos anos na atividade turística, passível de ser compartilhada com os nossos parceiros de cooperação.

Entre as atividades de cooperação entre a Espanha e o Brasil o setor do turismo tem ocupado um lugar destacado nos últimos anos. O Projeto de Cooperação para o Desenvolvimento do Turismo na Costa Norte e na Serra da Capivara é um exemplo disso. Nesta parceria foi realizado um importante trabalho em busca de um modelo de turismo mais sustentável e justo, com equilíbrio ambiental e distribuição mais equitativa de renda para os atores envolvidos, nas

regiões dos Lençóis Maranhenses, Delta do Parnaíba, litoral oeste do Ceará e Serra da Capivara.

Para a execução deste programa, a AECID firmou com o Governo Federal uma parceria, implementada por meio de um acordo de cooperação com o Ministério do Turismo – MTur, sendo a promoção da inclusão social com geração de trabalho e renda na cadeia produtiva do turismo o principal objetivo. Foram priorizadas atividades centradas na produção associada e na qualificação profissional das comunidades locais. Essas iniciativas foram definidas tendo como base missões de diagnósticos participativos que culminaram na construção de uma agenda de ações hierarquizada e temporal, pactuada com os diversos atores afetos ao tema direta ou indiretamente.

Com o objetivo de transformar em realidade os ideais de conciliação entre as belezas e atrativos naturais e culturais das regiões alvo do projeto com a implementação de uma política pública de inclusão social na cadeia do turismo, o Instituto Ambiental Brasil Sustentável – IABS, uma organização privada sem fins lucrativos com ilibada experiência na execução de projetos aliados à busca por um desenvolvimento mais sustentável tornou-se o terceiro pilar desta parceria, por meio do Convênio MTur/IABS-345/2007.

A Série Cooperação Brasil Espanha para o Turismo Sustentável traz para o leitor uma pincelada sobre a miríade de experiências e atividades resultantes desta parceria, que se tornaram exemplos edificantes e passíveis de replicação para o setor. Fica patente nas páginas das publicações desta série a exitosa contribuição para a melhoria dos produtos turísticos, o incremento na qualificação da mão-de-obra, o incentivo à organização coletiva do trabalho no setor, com continuidade dos ganhos em longo prazo e a promoção da cultura e da diversidade, com a inserção da população local nas atividades turísticas.

Agradecemos a todos os parceiros, especialmente ao Ministério do Turismo e ao Instituto Ambiental Brasil Sustentável, pela oportunidade de trabalhar juntos em benefício das comunidades mais necessitadas. Agradecemos também a todos os atores, secretarias estaduais e municipais, universidades, empresas e associações da sociedade civil, envolvidos no Programa, sem os quais a execução do mesmo não teria sido possível.

*Pedro Flores Urbano*

Coordenador Geral da Cooperação Espanhola no Brasil

## INSTITUTO AMBIENTAL BRASIL SUSTENTÁVEL (IABS)

O Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS) tem como principal objetivo traçar novos caminhos, desenvolver idéias, criar novos programas e conceber novos projetos que sejam de interesse da sociedade brasileira. Adicionalmente, devem ser estratégicos para o alcance dos objetivos institucionais ambientais e sociais, tendo em vista um modelo aperfeiçoado e mais evoluído de desenvolvimento, com maior equidade e sustentabilidade para as atuais e as futuras gerações.

É sabido que o turismo é um dos segmentos econômicos que mais cresce no mundo atualmente, e esse fenômeno também ocorre no Brasil, notadamente pelos seus atrativos naturais e culturais. Apesar de vislumbrar um crescimento “limpo” e sustentável, muitas vezes o turismo não planejado e construído de modo não participativo pode trazer diversos malefícios, principalmente às comunidades locais.

Diante disso, o IABS vem desenvolvendo ferramentas de planejamento, gestão e cooperação técnica que visam ao desenvolvimento do turismo em bases sustentáveis, respeitando o meio ambiente e valorizando os ativos culturais locais.

O Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Turismo integra um conjunto de iniciativas no âmbito do acordo de cooperação entre o Ministério do Turismo (MTur) e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Aecid), tendo a parceria com o Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS) para sua execução. A atuação do IABS neste projeto em prol do turismo sustentável se pautou na inclusão social, promovendo a geração de trabalho e renda na cadeia produtiva do turismo por meio da implementação de ações de desenvolvimento sustentável e integrado com foco na produção associada e na qualificação profissional das comunidades locais.

As ações constituintes do projeto visam ao aperfeiçoamento do turismo nas quatro regiões prioritárias contempladas (Lençóis Maranhenses, Delta do Parnaíba, Serra da Capivara e Jericoacoara). Dentre as atividades realizadas, incluem-se estudos, oficinas de capacitação para os membros das comunidades que trabalham com temas afetos ao turismo, atividades de assistência continuada para cooperativas populares, cursos de extensão para o público alvo do

projeto, aperfeiçoamento da comercialização na cadeia do turismo do artesanato tradicional das comunidades e inserção de produtos e serviços das comunidades locais nos estabelecimentos turísticos.

Dentre estas ações destaca-se “O fazer artesanal de tradição nas regiões do Delta do Parnaíba e dos Parques Nacionais de Jericoacoara e dos Lençóis Maranhenses”, cujas ações e resultados estão descritas neste livro e que foram de grande aprendizado para o IABS e para as comunidades envolvidas na busca de um modelo de desenvolvimento mais equilibrado e justo, diante das oportunidades do turismo.

*Luís Tadeu Assad*

Diretor-Presidente do Instituto Ambiental Brasil Sustentável



# Análises situacionais





ARTES DA TERRA

1866

## ANÁLISES SITUACIONAIS

As ações previstas no *Produto III – Análise Situacional* tinham por objetivo revisar e atualizar os dados coletados do estudo realizado pelo CTI/NE em 2005; avaliar o potencial da produção artesanal como alternativa para o desenvolvimento local associado ao turismo nos oito municípios; e identificar as transformações ocorridas na produção do artesanato de tradição entre 2005 e 2008.

Nesta etapa do trabalho, a equipe do Artesanato Solidário/ArteSol visitou oito municípios: Itarema e Camocim, no Ceará; Ilha Grande, Parnaíba e Luís Correia, no Piauí; Paulino Neves, Tutoia e Barreirinhas, no Maranhão. Para cada um destes municípios, foi elaborado um estudo chamado de “análise situacional”.

O trabalho de campo do Artesanato Solidário/ArteSol para a elaboração das análises situacionais foi realizado pelas consultoras Macao Goes e Jacqueline Melo, que visitaram os municípios em três períodos do ano de 2008: de 9 a 13 de junho (Ceará); de 14 a 18 de julho (Piauí); e de 18 a 22 de agosto (Maranhão).

Para que os dados apresentados no estudo realizado pelo CTI/NE em 2005 fossem comparados de maneira eficaz, a equipe de monitoramento do Artesanato Solidário elaborou oito fichas situacionais que subsidiaram a coleta de dados e informações atualizadas pela equipe de campo do ArteSol; além da atualização de dados, essa ficha previa também a coleta de dados que serviriam para um aprofundamento analítico, como a produção de artesanato local, tipologias, existência de grupos de artesanato e seus níveis de organização, pontos de venda, comercialização dos produtos, dentre outros. Para obter tais informações, a equipe de campo entrevistou artesãos, presidentes e/ou coordenadores de associações ou cooperativas de artesanato, autoridades locais, representantes de organizações não governamentais locais e outros interessados no projeto.

Constam ainda das análises situacionais informações de fontes secundárias, como indicadores do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto

de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), da Fundação Centro de Pesquisas e Sociais do Piauí (CEPRO), do Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais Anísio Teixeira (INEP), da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), dentre outras. Completam as análises situacionais registros fotográficos de produtos de artesanato identificados e de seus principais locais de comercialização nos municípios.

Os oito documentos de análise situacional produziram também uma série de considerações que nortearam a escolha dos municípios que seriam contemplados com as ações previstas no *Produto IV*: realização de oficinas de capacitação nas áreas de aprimoramento e desenvolvimento de produtos; formação de preço; e organização do trabalho coletivo para os grupos de artesãos identificados nos municípios visitados.

Com base nessas considerações, todos os municípios onde foram realizadas as análises situacionais preenchem, a princípio, pré-requisitos para terem seu artesanato e grupos de artesãos incluídos na quarta etapa desse projeto e, assim, participarem das oficinas de capacitação.

Mas, que critério orientou a escolha?

Não existe apenas um critério, mas uma combinação deles. A seleção de municípios e tipologias sugerida pelo Artesanato Solidário/ArteSol resultou do cruzamento de vários critérios que têm como eixo estruturante a existência de um artesanato de tradição no município. O pressuposto é promover ações de valorização de ativos locais que podem se associar e se reforçar mutuamente – o artesanato de tradição e o turismo. O capital humano – os artesãos e seus saberes –, com ações adequadas e planejadas, pode se transformar em capital social, superando carências e transformando os cidadãos desses municípios em protagonistas de seu próprio desenvolvimento e de suas famílias.

Ao seguir essas orientações, excluímos de pronto alguns municípios e grupos produtores de artesanato como forma de otimizar recursos financeiros e humanos, uma vez que foram previstas apenas 18 oficinas de capacitação .

Os grupos/localidades selecionados preenchem todos – ou a maioria – os quesitos abaixo relacionados, sem prevalência de uns sobre outros:

- O artesanato produzido é de tradição, ou seja, vem sendo transmitido de geração para geração.
- O artesanato está disseminado na localidade/município; isto é, muitas pessoas de uma comunidade detêm esse saber-fazer, que é, portanto, coletivo.

- Potencial da tipologia/técnica/matéria-prima para desenvolver produtos de artesanato atraentes para turistas.
- Interesse dos mestres-artesãos e dos artesãos em geral de participarem de ações de capacitação.
- Escassas oportunidades de obtenção de trabalho e renda nas localidades/municípios onde vivem os artesãos.

Apresenta-se a seguir uma síntese das ações realizadas em cada município. Seu objetivo é expor os critérios que orientaram a definição daqueles que participariam das ações formativas do Artesanato Solidário/ArteSol, dentre os oito municípios visitados, dentre as diversas tipologias de artesanato de tradição mapeadas, e dentre os grupos de artesãos identificados durante o trabalho de campo. Essas localidades foram escolhidas em conjunto com o Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS), tendo por base o diagnóstico e os oito relatórios de análise situacional elaborados pelo Artesanato Solidário/ArteSol.

## CEARÁ

### Análise situacional do município de Itarema – Síntese

A visita de campo que subsidiou a elaboração da análise situacional do município de Itarema/CE foi realizada entre 9 e 13 de junho de 2008. Com base em entrevistas realizadas pela equipe de campo do ArteSol foram identificadas três principais tipologias de artesanato no município: rendas, artesanato indígena e trançados e cestaria.

Na tipologia renda se destacam as artesãs da comunidade do Saquinho, que produziam renda em metro, um fator dificultador de ações, pois para que a renda pudesse se transformar em um produto de artesanato associado ao turismo e comercializado localmente, seria necessário investir também no desenvolvimento de produtos de cama e mesa, ou ainda de moda, nos quais a renda seria aplicada; embora viável, tratava-se de um investimento de médio e longo prazos que o Artesanato Solidário/ArteSol, com base em sua experiência, não recomendou naquele momento.

A produção de artesanato indígena a equipe do ArteSol identificou em um grupo da praia de Almofala. Embora os produtos sejam bem acabados, en-

contramos apenas uma família produzindo este artesanato. Realizar oficinas de capacitação para um grupo muito pequeno não traria o resultado esperado, tanto em termos de número de beneficiários – impacto econômico no grupo produtor – quanto em termos de atendimento a uma demanda de maior escala proporcionada pelo turismo.

Trançados e cestos foram encontrados na localidade de Jenipapeiro, bairro rural a 40 quilômetros da sede de Itarema. Os produtos em palha de carnaúba, trançados e tingidos, são bastante comuns na região e podem ser encontrados em diversas localidades da Rota das Emoções. Dificilmente teriam uma identidade própria associada ao município.

No caso do Ceará, consideramos que o artesanato de tradição identificado em Itarema não se distinguia dos demais e, portanto, não seria capaz de agregar maior atividade turística comparativamente aos demais municípios do estado.

## **Análise situacional do município de Camocim – Síntese**

A visita de campo que subsidiou a elaboração da análise situacional do município de Camocim/CE foi realizada no período de 9 a 13 de junho de 2008. A equipe do Artesanato Solidário/ArteSol reconheceu três tipologias de artesanato no município: brinquedos, trançados e cestaria e artesanato variado.

Os brinquedos são produzidos pelos artesãos Mauro e Paulo. Os dois possuem uma pequena oficina no centro da cidade, onde produzem pequenos aviões, galos teimosos e patinhos de madeira. Os produtos elaborados são de grande valor cultural e representam o modo de brincar de diversas crianças da região. Todavia, o processo de produção mecanizado, bem como a gestão empresarial (oficina com proprietários e empregados) não são compatíveis com a disseminação desse saber-fazer. Para a formação de um grupo em torno dessa atividade artesanal haveria a necessidade de uma estrutura física de produção semelhante à oficina dos artesãos Mauro e Paulo.

Na tipologia trançados e cestaria a equipe do ArteSol identificou o trabalho realizado pela mestre-artesã Aldeniza, que poderia ministrar oficinas de repasse do saber; elas permitiriam o desenvolvimento das oficinas previstas na etapa seguinte, despertando o grupo para a prática desse saber-fazer tradicional. Na entrevista feita pela equipe do ArteSol, a mestra Aldeniza mostrou-se disposta e entusiasmada com a possibilidade de repassar seu ofício. Além disso, já existia uma cadeia de geração de trabalho e renda envolvendo a colheita e o beneficiamento

da matéria-prima, que poderia ser potencializada com a formação de um grupo de produção de redes. A equipe do ArteSol constatou, ainda, que a técnica de trançado da mestra Aldeniza possibilita o desenvolvimento de outros produtos.

Por esse motivo, o município de Camocim, graças ao potencial da artesã Aldeniza, foi selecionado para a realização de oficinas de aprimoramento e desenvolvimento de produtos, formação de preços e organização do trabalho coletivo.

## MARANHÃO

### Análise situacional do município de Barreirinhas – Síntese

A visita de campo que subsidiou a elaboração da análise situacional do município de Barreirinhas/MA foi realizada de 18 a 23 de agosto de 2008. A equipe do Artesanato Solidário/ArteSol identificou em Barreirinhas as técnicas do macramê e do crochê em fibra de buriti como base do artesanato local. O crochê em fibra de buriti foi encontrado em cinco povoados próximos a Barreirinhas, que fazem parte dos Lençóis maranhenses (além do grupo do centro da cidade): Povoado de Manoelzinho, Povoado de Mandacaru, Povoado de Marcelino, Bairro Cebola e Povoado de Tapuio e Laranjeiras.

Assim como em outros municípios da região, os artesãos de Barreirinhas também receberam apoio de instituições como SEBRAE/MA, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e **Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares** (ITCP).

Os principais resultados desses apoios foram a organização formal dos artesãos, que, desde 2006 integram a Cooperativa dos artesãos dos Lençóis Maranhenses (Artecoop); e a existência de produtos de artesanato com boa técnica de produção e acabamento, que podem ser encontrados em vários pontos de venda e suprir o mercado local e regional.

Contudo, os artesãos possuíam um repertório voltado exclusivamente para produtos de moda (colares, bolsas e chapéus), o que limitava a abertura de novos nichos de mercado para a Artecoop. No entender do Artesanato Solidário, desenvolver outros produtos utilitários seria uma oportunidade para ampliar as vendas e, conseqüentemente, aumentar a renda dos moradores de Barreirinhas.

Dentro desse contexto, o Artesanato Solidário/ArteSol também sugeriu capacitar os artesãos na formação de preço. É fundamental que os artesãos conhe-



cam os elementos construtivos do preço dos produtos, bem como a introdução dos princípios e da prática do comércio justo.

Inicialmente, a equipe do ArteSol identificou problemas relativos à extração da fibra do buriti e sugeriu a realização de uma oficina de manejo sustentável dessa matéria-prima. Durante a primeira visita de campo, os consultores do constataram que os artesãos vêm enfrentando dificuldades na obtenção da matéria-prima que, segundo eles, está cada vez mais escassa. Contudo, após acompanhamento sucessivo do grupo, com novas visitas da equipe e informações do agente local que prestou serviços para o desenvolvimento das ações, foi constatado que essa oficina não seria necessária. Contudo, após acompanhamento sucessivo do grupo, com novas visitas da equipe e informações do agente local que prestou serviços para o desenvolvimento das ações, foi constatado que essa oficina não seria mais necessária, pois o uso do buriti pelos artesãos era feito de forma ecologicamente correta: eles usam apenas o descarte da palmeira, o que não prejudica o seu desenvolvimento. Dessa forma, as oficinas de manejo sustentável que seriam realizadas em Barreirinhas foram realocadas para duas localidades do município de Cruz/CE onde foram constatadas demandas por tais oficinas.

## Análise situacional do município de Tutoia – Síntese

A visita de campo que subsidiou a elaboração da análise situacional do município de Tutoia/MA foi realizada de 18 a 23 de agosto de 2008. A equipe do Artesanato Solidário/ArteSol identificou o trançado em buriti como base do artesanato local.

O município sedia a Associação Esperança dos Artesãos do Bairro de Monte Castelo, que reúne cerca de cinquenta artesãs que trabalham com buriti, oriundas de três povoados de Tutoia: Santo Antônio, Siriema e Curralinho.

Devido à qualidade de seus trabalhos, a Associação Esperança chamou a atenção de diferentes instituições, como a Prefeitura Municipal, o SEBRAE/MA e o Ministério do Desenvolvimento Agrário. A prefeitura local passou a desenvolver parcerias em feiras e eventos, a fim de estimular a comercialização daqueles produtos; o SEBRAE/MA vem oferecendo apoio por meio de treinamentos e de oficinas de capacitação para a produção e adequação de produtos no mercado. Já por intermédio do Ministério do Desenvolvimento Agrário, a Associação passou a fazer parte do Projeto “Talentos do Brasil” e recebeu oficinas de *designers* renomados para desenvolver uma coleção de produtos voltados para o mercado da moda.

O artesanato se apresenta em peças bem acabadas tecnicamente: bolsas, xales, echarpes, flores, botões, jogos americanos, almofadas, cestas e suplãs, encontrados em alguns pontos de venda.

Há uma pequena sala de exposição e venda de produtos de artesanato (de tipologias e origens diversas) na Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente. No povoado de Santo Antônio há ainda a Casinha de Artesanato, localizada ao lado da morada de uma das artesãs, onde o grupo vende seus produtos diretamente aos turistas. Outro ponto de venda é um pequeno espaço cedido pelo Centro de Dirigentes Lojistas (CDL), no centro de Tutoia, onde duas artesãs da Associação Esperança vendem os produtos do grupo. Além de seus pontos fixos, os produtos também são vendidos sob encomenda e em feiras e exposições regionais. Turistas e lojistas são, em geral, os maiores compradores.

Diante dessas considerações, o Artesanato Solidário/ArteSol compreendeu que o artesanato de Tutoia não necessitava de outras ações além das que já estão sendo implementadas.

## Análise situacional do município de Paulino Neves – Síntese

A visita de campo que subsidiou a elaboração da análise situacional de Paulino Neves/MA foi realizada entre 18 e 23 de agosto de 2008. A equipe de campo do Artesanato Solidário/ArteSol identificou quatro tipologias de artesanato de tradição naquele município: cerâmica, tecelagem, bordados e trançados, os quais são mais disseminados no município e têm a fibra do buriti como principal matéria-prima.

O município é sede da Associação dos Artesãos Nossa Arte, que trabalha com trançados. Fundada em dezembro de 2005, a Associação está localizada no centro de Paulino Neves e possui 57 associados – artesãos que residem em diversos povoados. No entanto, a Associação não possui um ponto coletivo de comercialização, tampouco tem ideia do volume de vendas de artesanato. As vendas são feitas pelos artesãos em suas casas ou por atravessadores.

Trata-se de um município muito carente, e seria fundamental realizar ações de capacitação dos moradores para as técnicas artesanais de produção, visando oferecer o artesanato como fonte de trabalho e renda a um maior número de pessoas.



Dessa forma, o Artesanato Solidário/ArteSol, ao reconhecer na tipologia de trançados um grande potencial como alternativa de geração de trabalho e renda, propôs a realização de oficinas de aprimoramento e desenvolvimento de produtos e de formação de preços, no intuito de valorizar e fortalecer essa técnica. Sem dúvida, trata-se de um artesanato de tradição ali muito disseminado e que, se receber incentivos apropriados, pode tornar-se um forte ativo de desenvolvimento local associado ao turismo.

Consideramos essencial o aprimoramento das técnicas de trançado e dos produtos já existentes, Paulino Neves possui um grande potencial para manifestações artesanais por meio da tipologia de trançados e cestaria. Através de oficinas de aprimoramento e desenvolvimento de produtos, formação de preços e organização do trabalho coletivo, buscou-se contribuir para o fortalecimento do grupo de artesãos do município.

## PIAUI

### Análise situacional do município de Parnaíba – Síntese

A visita de campo que subsidiou a elaboração da análise situacional do município de Parnaíba/PI foi realizada de 15 a 18 de julho de 2008. Visitas e entrevistas realizadas pelas consultoras do Artesanato Solidário/ArteSol em Parnaíba possibilitaram a identificação de três tipologias: trançados e cestaria, brinquedos e entalhes em madeira. Na primeira tipologia de artesanato, de trançados e cestaria, foram identificados a Associação dos Artesãos do Bairro São Vicente de Paula e os grupos informais de artesãos dos bairros João XXIII e Santa Luzia, ligados à Cooperativa Artesanal Mista de Parnaíba (CAMPAL).

A Associação dos Artesãos do bairro São Vicente de Paula possui uma linha definida de produtos: suplãs, mandalas, centros de mesa, porta-pratos e jogos americanos, todos confeccionados com palha de carnaúba trançada. A Associação possui espaço de produção e comercialização próprio, além de uma marca definida. Possui ainda uma produção de trezentas peças variadas por mês, que são comercializadas para turistas, lojistas, Central de Artesanato SEBRAE, PRODART e Artesanato Solidário/ArteSol. Desse modo, o Artesanato Solidário/ArteSol entendeu que o artesanato da associação não requer outras ações além das que já estão sendo implementadas.

Os brinquedos populares, por sua vez, são produzidos pelo artesão Nilo de Oliveira. Apesar de viáveis comercialmente, representam a manifestação artística de um indivíduo e não de uma coletividade. O Artesanato Solidário/ArteSol considerou que os esforços deveriam ser direcionados a grupos de artesãos que tivessem produção artesanal de um saber já compartilhado, por esse motivo, não recomendou a atuação naquela tipologia.

Os grupos informais de artesãos dos bairros João XXIII e Santa Luzia, associados à Cooperativa Artesanal Mista de Parnaíba (CAMPAL), apesar de possuírem produtos de boa qualidade, apresentavam sérias dificuldades estruturais. O grupo de artesãos do bairro João XXIII produz, a partir da fibra do cipó de leite, peças utilitárias cujos preços de venda são definidos por atravessadores, e nunca recebeu oficinas de capacitação; o grupo do bairro Santa Luzia, por sua vez, produz, a partir do agave, um artesanato utilitário que poderia ser aprimorado, mas enfrentava também dificuldades para definir os preços de seus produtos compatíveis com o mercado. Pelo fato de possuírem grande potencial para desenvolver novos produtos, o Artesanato Solidário/ArteSol sugeriu concentrar esforços nos grupos de artesãos dos bairros João XXIII e Santa Luzia, para realizar ações de aprimoramento e desenvolvimento de produtos e oficinas de formação de preço.

## Análise situacional do município de Ilha Grande – Síntese

A visita de campo que subsidiou a elaboração da análise situacional do município de Ilha Grande/PI foi realizada de 15 a 18 de julho de 2008. A equipe do Artesanato Solidário/ArteSol reconheceu três tipologias de artesanato no município: rendas e bordados, cerâmica e trançados e cestaria.

A Associação Artesanal do Barro Vermelho reúne um grupo que produz peças de cerâmica com uma identidade própria. Os artesãos contam com um nicho de mercado de lojas de Parnaíba, principalmente o Centro de comercialização do SEBRAE/PI, além de possuírem seu próprio espaço de comercialização.

A tipologia trançados e cestaria está representada na Associação de Trançados da Ilha Grande de Santa Isabel, bastante consolidada, que não necessita de intervenções para aprimoramento de produtos e para formação de preços. Sua forma de organização da produção de artesanato poderá servir de exemplo a outros grupos que estejam em formação na região.

As rendeiras, por sua vez, são o grupo de produção de artesanato mais antigo de Ilha Grande. Trata-se de um grupo consolidado e com um grande número de associados (120 artesãs), levando-se à conclusão de que a renda é um saber

bastante difundido na região. Questões relativas à gestão da Associação e ao desenvolvimento de produtos já tiveram o apoio do SEBRAE/PI, de *designers* e de outras instituições, o que contribuiu decisivamente para qualificar a Associação e abrir nichos de mercado para seus produtos. Além disso, o grupo tem espaço próprio para a produção e comercialização de seus produtos no centro do município de Ilha Grande. Diante desse cenário, o Artesanato Solidário/ArteSol não indicou grupos do município de Ilha Grande para a realização de oficinas previstas no *Produto IV*.

## Análise situacional do município de Luís Correia – Síntese

A visita de campo que subsidiou a elaboração da análise situacional do município de Luis Correia /PI foi realizada entre 15 e 18 de julho de 2008. Durante a visita foram identificadas como base do artesanato local as tipologias renda de bilro e trançados e cestaria.

A renda de bilro, mais antiga manifestação artesanal do município de Luis Correia, é feita pelas mulheres da Lagoa de Sobradinho; já os trançados e cestaria, com a taboa como matéria-prima, são confeccionados pelas artesãs da Associação de Trançados de Taboa Alda da Silva.

A Associação de Artesãos Trançados de Taboa tem 22 participantes entre 20 e 75 anos, que produzem, a partir do trançado da taboa, uma linha definida de produtos utilitários e decorativos, como pufes, tapetes, capachos, suplás, jogos americanos, cadeiras e mesas. O grupo associado dispõe ainda de etiquetas de comercialização elaboradas pelo Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Piauí (PRODART), divulga seus produtos em feiras e por meio do catálogo elaborado em parceria com o Artesanato Solidário/ArteSol, tem sua produção reconhecida nacionalmente e possui uma sede com boa infraestrutura. O único problema do grupo é o baixo volume de comercialização de produtos, em uma média de R\$ 60,00/mês por artesão.

As rendas de bilro da Lagoa do Sobradinho são produzidas em metro. Para se tornar um produto de artesanato associado ao turismo e ser vendido localmente, será necessário investir também no desenvolvimento de produtos de cama e mesa, ou ainda de moda, nos quais a renda seria aplicada; embora viável, trata-se de investimento de médio e longo prazos que o Artesanato Solidário/ArteSol, com base em sua experiência, não recomendou naquele momento.

Nesse sentido, foram selecionados seis municípios para as ações previstas na etapa seguinte do projeto, as oficinas de capacitação: Cruz, Jijoca de Jericoa-

coara e Camocim, no Ceará; Parnaíba, no Piauí; e Barreirinhas e Paulino Neves, no Maranhão.

O quadro abaixo mostra os resultados das oito análises situacionais e dos dois diagnósticos anteriormente realizados (*Produto II*), distinguindo as informações levantadas por meio de um diagnóstico (D) e outro produto, a análise situacional (AS). Nas análises situacionais de cada município, que acompanham esta apresentação, encontram-se as justificativas detalhadas para a inclusão ou não de seus grupos produtores de artesanato na lista sugerida pelo ArteSol.

De acordo com o quadro acima, o Artesanato Solidário recomendou seis municípios e nove grupos de artesãos para as oficinas de aprimoramento e desenvolvimento de produtos e/ou oficinas de formação de preços dos produtos. Em alguns municípios, como Jijoca de Jericoacoara/CE, Parnaíba/PI e Tutoia/MA, indicamos mais de um grupo de artesãos para as ações formativas; em outros municípios, apenas um.

Quadro 1 – Municípios, localidades e tipologias de artesanato que integram os diagnósticos e as análises situacionais

Estado	Município	Tipo	Localidade	Tipologia	Matéria-prima	Produtos	Sugerida
CE	CRUZ	D	Bairro Sindicato	Escultura e entalhe	Quenga do coco	Colheres, escumadeiras, conchas e copos	X
			Bairro Canema	Escultura e entalhe	Madeira louro	Esculturas	X
			Vila Preá	Crochê	Fio cru (algodão)	Vestimenta, tapetes	
			Centro	Trançados e cestaria	Talo de coco e cipó	Luminárias	
			Bairro Caiçara	Artesanato variado	Talo de carnaúba	Cachepô e fruteira	
	JIJOCA DE JERICOACOARA	D	Diversos bairros	Crochê	Fio cru (algodão e lã)	Vestimenta e colares	X
			Centro	Trançados e cestaria	Carnaúba	Utilitários	X
	CAMOCIM	AS	Centro	Brinquedos	Madeira	Aviões, patinhos com vareta, carrinhos, santos	
			Praça do Cruzeiro	Trançados e cestaria	Fibra de tucum	Redes	X
			Centro	Artesanato variado	Bambu, palha de coco e de carnaúba	Luminárias, biombos, painéis	
	ITAREMA	AS	Almofala	Artesanato indígena	Sementes e búzios	Colares e pulseiras	
			Jenipapeiro	Trançados e cestaria	Palha de carnaúba	Suplãs, cestos	
Saquinho			Renda (de bilro)	Linha de algodão	Vestimenta, toalhas, colchas, guardanapos		

Estado	Município	Tipo	Localidade	Tipologia	Matéria-prima	Produtos	Sugerida
PI	PARANÍBIA	AS	São Vicente de Paula	Trançados e cestaria	Carnaúba	Utilitários	
			João XXIII (CAMPAL)	Trançados e cestaria	Cipó de leite	Cestaria	X
			Santa Luzia (CAMPAL)	Trançados e cestaria	Agave	Utilitários (mesa)	X
			Piauí (CAMPAL)	Trançados e cestaria	Cipó de leite	Utilitários (mesa)	
			Diversos bairros	Escultura e entalhe	Madeira	Diversos	
			Betânia II	Brinquedos	Madeira	Cataventos, carrinhos	
	ILHA GRANDE	AS	Associação Barro Vermelho	Cerâmica	Barro	Esculturas	
			Ilha Grande de Santa Isabel	Trançados e cestaria	Carnaúba	Utilitários	
			Centro – Morro da Mariana	Renda de bilro	Linha de algodão	Roupas	
	LUIZ CORREIA	AS	Lagoa do Sobradinho	Renda de bilro	Linha de algodão	Roupas	
			Bairro Alda da Silva	Trançados e cestaria	Taboa	Pufes, tapetes, capachos, móveis	
MA	BARREIRINHAS	AS	Diversos povoados	Trançados e cestaria	Buriti (fibra)	Chapéus, sandálias, bolsas, toalhas de mesa	X
	TUTÓIA	AS	Povoado Santo Antonio	Crochê	Buriti (fibra)	Toalhas, caminhos de mesa	
			Povoado Siriema	Crochê	Buriti (fibra)	Almofadas, bolsas e jogos americanos	
			Povoado Curralinho	Trançados e cestaria	Buriti (talo)	Cestas, suplãs, bolsas, flores, jogos americanos	
PAULINO NEVES	AS	Povoado de Vista Alegre	Trançados e cestaria	Buriti (fibra)	Bolsas, pastas, chinelos, redes, jogos americanos	X	

Fonte: Artesanato Solidário/ArteSol, 2008

## Quadro 2 – Municípios, localidades e tipologias de artesanato sugeridos para as oficinas e previsão de período para sua realização

Estado	Município	Localidade	Tipologia	Oficinas produto	Oficinas preço	Oficina manejo
CE	CRUZ	Bairro Sindicato	Escultura e entalhe	1ª quinzena dez./08	2ª quinzena fev./09	-
		Bairro Canema	Escultura e entalhe	1ª quinzena dez./08	2ª quinzena fev./09	-
	JIJOCA DE JERICOCOARA	Diversos bairros	Crochê	1ª quinzena dez./08	1ª quinzena mar./08	-
		Centro	Trançados e cestaria	1ª quinzena dez./08	1ª quinzena mar./08	-
	CAMOCIM	Praça do Cruzeiro	Trançados e cestaria	Nov./08	1ª quinzena mar./08	-

Estado	Município	Localidade	Tipologia	Oficinas produto	Oficinas preço	Oficina manejo
PI	PARNAÍBA	João XXIII (CAMPAL)	Trançados e cestaria	Nov./08	2ª quinzena fev./09	-
		Santa Luzia (CAMPAL)	Trançados e cestaria	Nov./08	2ª quinzena fev./09	-
MA	BARREIRINHAS	Diversos povoados	Trançados e cestaria	1ª quinzena dez./08	1ª quinzena mar./08	1ª quinzena dez./08
	PAULINO NEVES	Povoado de Vista Alegre	Trançados e cestaria	1ª quinzena dez./08	1ª quinzena mar./08	1ª quinzena dez./08

Fonte: Artesanato Solidário/ArteSol, 2008

No quadro acima estão discriminadas as oficinas que o Artesanato Solidário/ArteSol recomendou para cada um dos grupos de artesãos/localidades selecionados e um cronograma preliminar para a sua realização. Nos grupos que utilizam a fibra do buriti como matéria-prima, constatou-se a necessidade de oficinas de manejo sustentável, visando a manutenção da espécie da palmeira.

As oficinas previstas no Maranhão para Barreirinhas e Paulino Neves, bem como para Cruz, no Ceará, poderão ser realizadas reunindo os grupos de trabalho. No caso do Maranhão, o objetivo, ao reunir os dois grupos produtores, é otimizar os recursos e facilitar o deslocamento dos instrutores. No caso de Cruz, o objetivo é incentivar, por meio das oficinas, a formação de um novo grupo de artesãos em torno da escultura e entalhe em madeira.

Por fim, vale ressaltar que a escolha dos seis municípios (nove grupos) (Quadro 2) foi preliminar, para que se proceda à seleção final, que deverá ser feita em conjunto com o IABS e demais parceiros que integram o projeto, de forma a contemplar todas as dimensões da associação artesanato/turismo e desenvolvimento sustentável.

## DIAGNÓSTICOS

O diagnóstico é uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento das ações em campo; mapeia as condições de entrada do projeto, levanta o perfil socioeconômico do grupo de artesãos, identifica os ativos locais, as eventuais lideranças comunitárias, os mestres-artesãos bem como os parceiros locais em potencial. Os objetivos norteadores para a elaboração dos diagnósticos dos municípios de Cruz e Jijoca de Jericoacoara, no Ceará, são:

- Levantar o número de artesãos e das tipologias de artesanato existentes.
- Aplicar questionário socioeconômico aos artesãos.
- Aplicar questionário técnico aos mestres-artesãos e realizar entrevistas em profundidade.
- Identificar organizações governamentais e não governamentais com potencial de parceria e/ou engajamento em projetos de desenvolvimento local.
- Mapear associações e/ou cooperativas de artesãos e estabelecer contato.
- Elaborar registros fotográficos do artesanato existente (com respectivas fichas técnicas), assim como das condições físicas de sua produção (oficinas etc.).

As informações provêm de fontes diversas: entrevistas com autoridades locais, artesãos, além de visitas a órgãos públicos, lojas de artesanato etc. e contatos informais com moradores do município. Outra fonte de informação do diagnóstico foi obtida por meio de fontes secundárias, como indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE).

Para o diagnóstico a equipe do Artesanato Solidário/ArteSol identificou, nos municípios de Cruz e Jijoca de Jericoacoara, a presença de organizações de apoio ao artesanato que puderam se engajar em eventuais ações de desdobramento do presente projeto; esses apoios locais foram fundamentais para o sucesso das ações.

O trabalho de campo que subsidiou a coleta de dados e informações sobre o artesanato existente nos municípios cearenses de Cruz e Jijoca de Jericoacoara, bem como o seu potencial como alternativa de desenvolvimento local associado ao turismo, foi realizado entre 10 e 13 de junho de 2008, pelas consultoras Macao Goes e Jacqueline Melo, da equipe do Artesanato Solidário/ArteSol.

A primeira parte do diagnóstico traz informações gerais sobre os municípios, como acesso, características da população, infraestrutura etc.

A segunda parte, mais específica, sistematiza informações sobre o artesanato identificado nos municípios e localidades de Jijoca de Jericoacoara e Cruz, sobre os artesãos que o produzem, formas de organização e de comercialização dos produtos.

Na terceira parte do documento são apresentadas as organizações – identificadas pelas consultoras – envolvidas com a promoção do artesanato local.

Da quarta parte do diagnóstico constam as considerações finais e as recomendações do Artesanato Solidário para o desenvolvimento do artesanato local associado ao turismo.

Essas informações foram tabuladas e analisadas pela equipe de monitoramento do Artesanato Solidário/ArteSol em São Paulo em junho e julho de 2008 e resultaram na elaboração de dois diagnósticos, de Cruz e Jijoca de Jericoacoara, no Ceará, conforme previsto para o *Produto II*.

Já no diagnóstico, a equipe do Artesanato Solidário/ArteSol previu que, para que o artesanato local pudesse transformar-se em um ativo local para a promoção do desenvolvimento local, eram urgentes ações relacionadas ao desenvolvimento de novos produtos que expressassem as singularidades da região e, acima de tudo, representassem, com seu preciosismo técnico, a tradição de um saber-fazer que atravessa gerações. No entanto, as tipologias identificadas – crochê e trançado de carnaúba –, apesar de possuírem um grande potencial de produção e acabamento e serem manifestações de artesanato recorrentes no município, não atendiam esses quesitos.

Com vistas a contribuir para a redução das fragilidades acima identificadas, o Artesanato Solidário/ArteSol realizou uma série de oficinas de aprimoramento e desenvolvimento de produtos e de formação de preços no município de Jijoca de Jericoacoara/CE em fevereiro e março de 2009. Essas oficinas tinham por objetivo desenvolver uma coleção de produtos que expressasse as singularidades de Jericoacoara e permitissem a associação do município como um destino turístico; essa coleção foi o primeiro passo para a criação de uma marca, que remeteria os produtos confeccionados à categoria de *souvenir* ou ainda de bens culturais que refletissem o patrimônio de Jijoca de Jericoacoara.

Para que os produtos confeccionados nas tipologias crochê e trançado em carnaúba fossem valorizados, o diagnóstico também sugeria que as duas tipologias fossem consorciadas e a nova coleção elaborasse peças em trançado e crochê; esse objetivo foi plenamente alcançado.

Os apontamentos realizados no diagnóstico de Cruz/CE, contudo, não puderam ser plenamente atendidos, devido a uma série de fatores externos previamente relatados ao Comitê Gestor do projeto. Deve-se salientar, contudo, que essas alterações não prejudicaram de modo algum os resultados alcançados ao final das ações.



O diagnóstico elaborado pela equipe do ArteSol identificou inicialmente quatro tipologias de artesanato no município de Cruz/CE:

- Escultura e entalhe em madeira
- Crochê
- Trançados e cestaria
- Artesanato variado

Dentre estas quatro tipologias, a equipe do ArteSol apontou a tipologia escultura e entalhe em madeira como a de maior potencial no município. As tipologias crochê e trançados e cestaria foram inicialmente descartadas, a fim de evitar uma possível e improdutiva concorrência com o município vizinho de Jijoca de Jericoacoara; já a tipologia chamada de artesanato variado em talo de carnaúba não poderia ser considerada um artesanato de tradição (ou muito disseminado na região), além de possuir um baixo potencial para se transformar em um produto associado ao turismo.

Escolhida a tipologia entalhe em madeira, a equipe do ArteSol deu início às ações de mobilização com os artesãos e interessados no projeto. O primeiro encontro de mobilização foi realizado no dia 10 de dezembro de 2008 com o grupo de artesãos dos bairros Sindicato, Canema e demais interessados. Para que a técnica de entalhe em madeira fosse absorvida por todos, oficinas de repasse do saber deveriam ser ministradas pelo artesão José Valdeci A. do Nascimento antes do início das oficinas de aprimoramento e desenvolvimento de produtos e formação de preços, previstas no projeto.

Embora toda a logística para a realização da oficina de repasse estivesse pronta, o artesão desistiu de ministrá-la, por motivos de saúde. Muitos artesãos não detinham as técnicas do entalhe e, embora muito motivados e interessados em aprender, poderiam sofrer frustrações, uma vez que o sr. José é, na região, o artesão com o maior domínio da técnica. Esses motivos inviabilizaram, portanto, o desenvolvimento das ações previstas na tipologia entalhe em madeira.

A equipe do ArteSol, por meio da parceria local com a Secretaria de Ação Social de Cruz, no Ceará, deu início à mobilização do grupo de artesãos que trabalha com trançados em palha de carnaúba. A mobilização foi realizada no dia 15 de março de 2009 com artesãos do bairro Canema. Apesar de terem demonstrado algum interesse, eles declararam participar de outras iniciativas

e receber bolsas e apoios governamentais. Embora nenhum desses fatores seja impeditivo para a participação desses artesãos no projeto, os mesmos não quiseram fazer parte das ações.

A terceira mobilização, por fim, foi realizada em 30 de março de 2009 com um grupo de artesãs indicado pela Secretaria de Ação Social de Cruz. As artesãs, residentes na zona rural do município, desenvolvem varandas de parede. Após identificada a viabilidade de atuação com esse grupo, a equipe de consultores do Artesanato Solidário/ArteSol verificou que, caso a varanda de parede seja consorciada com materiais mais sofisticados na produção de utilitários e decoração, haveria grandes oportunidades e possibilidades de criação de uma coleção de produtos para comercialização.

## JIOCA DE JERICOACOARA

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Jijoca de Jericoacoara é 0,623 (IPECE, 2000), o que corresponde ao 108º lugar no *ranking* do Estado do Ceará.

O município conta com cinco centros de saúde, 28 escolas públicas (IPECE, 2005), sendo 16 escolas municipais de ensino fundamental, uma escola estadual de ensino médio e 11 escolas municipais de ensino pré-escolar (IBGE, 2007). Não há no município escolas particulares (IPECE, 2005).

A taxa de urbanização do município é de 28,4%. Em relação ao abastecimento de água, a área urbana é totalmente coberta por esse serviço; já em relação à rede de esgoto, a taxa de cobertura na área urbana é de apenas 8,2% (IPECE, 2006).

Considerando que o turismo é a principal atividade econômica de Jijoca de Jericoacoara, o município conta com uma rede de restaurantes, lanchonetes, bares, hotéis e pousadas relativamente ampla. Existem 73 estabelecimentos de hospedagem no município (IPECE, 2006).

O Parque Nacional de Jericoacoara, área de proteção ambiental, abriga a famosa Praia de Jericoacoara, onde está a Duna Pôr-do-Sol, um dos principais cartões postais do município. Dentre as praias de Jijoca de Jericoacoara, destacam-se: Praia Barra do Guriú, Praia do Mangue Seco, Praia da Malhada, Praia da Pedra Furada e da Pedra do Frade, Praia do Riacho Doce, e a mais famosa, Praia de Jericoacoara.

Outro ponto muito visitado por turistas é o Farol de Jericoacoara, de onde se tem uma vista panorâmica da cidade e do mar, e a Lagoa de Jijoca, a segunda

maior do Ceará, formada pelas lagoas Azul e do Paraíso. A Lagoa de Jijoca é cercada por dunas que mudam de posição ao longo do dia.

Na arquitetura urbana destacam-se apenas a Igreja de Santa Luzia e a de Nossa Senhora de Fátima, onde são realizados eventos importantes e festivos da cidade, como a Missa do Galo, em dezembro, e a Celebração da Coroação de Maria, em maio.

É importante destacar que o turismo do município se concentra na Praia de Jericoacoara, onde estão localizados os principais hotéis, pousadas, restaurantes e lojas de artesanato e forte comércio de bijuterias.

## O artesanato local

As visitas e entrevistas realizadas pelas consultoras do Artesanato Solidário/ArteSol no município de Jijoca de Jericoacoara possibilitaram a identificação de duas tipologias com forte presença no artesanato local: crochê e trançados e cestaria.

### Crochê

Em Jijoca de Jericoacoara existe um grupo de 41 mulheres cujo saber-fazer é o crochê – atividade artesanal mais antiga do município. Essas mulheres residem nas localidades de Lagoa Grande, Córrego 1 e 2 e na Praia de Jericoacoara.

Maria Diana de Souza, uma das entrevistadas, tem 30 anos e há 15 é crocheteira. Aprendeu o ofício com a avó quando tinha 7 anos e desde os 15 tem no crochê sua atividade principal. A renda obtida com a venda de seus produtos chega a atingir R\$ 400 na alta temporada turística.

Segundo d. Maria Diana, para fazer as peças em crochê são utilizados basicamente como matérias-primas linhas e fios de algodão cru e de lã, obtidas em lojas do próprio município.

Dona Luiza Praciano Teixeira, outra crocheteira entrevistada, tem 50 anos e faz crochê há 36. Dona Luiza coordena atualmente um grupo formado por oito artesãs que trabalham com acabamento de crochê.

As entrevistas das crocheteiras indicam que a maior dificuldade é a venda regular dos produtos, condicionada ao movimento da alta temporada (julho/agosto e novembro/fevereiro), reforçada principalmente pelas compras dos turistas estrangeiros. As peças de crochê mais vendidas são saídas de praia, chapéus e blusas de fio com aplicação.



Consultora Jacqueline Melo entrevista artesã Maria Diana

As crocheteiras de Jijoca de Jericoacoara não estão organizadas em uma associação ou cooperativa. Deve ser notado, contudo, que já existe hoje um grupo formado por 41 mulheres. O grupo, que conta com o apoio do SEBRAE/Sobral desde 2007, funciona informalmente como uma associação. O grupo criou colares com pequenas contas revestidas.

## Trançados

A artesã Aurilene Vieira Fortuna foi a única artesã de trança localizada no município, durante a visita da equipe do Artesanato Solidário.

Dona Aurilene tem 45 anos e sempre morou no município; aprendeu o ofício com a avó, que repassou as técnicas de trançado para produção de urus, surrões e esteiras. Ela é a única na família que exerce o ofício de artesã, embo-

ra não soubesse informar qual o rendimento mensal que obtém com a venda de produtos de artesanato. Segundo d. Aurilene, sua principal fonte de renda provém da agricultura, que lhe proporciona R\$ 200 por mês. A artesã não tem filhos e mora com o marido e o sogro.

Para o trabalho em trançado, d. Aurilene utiliza a fibra de carnaúba. A matéria-prima é extraída do olho das árvores localizadas em terra particular ou em propriedades de terceiros e obtida com o auxílio de uma foice amarrada na vara comprida e de um facão. Na maioria das vezes, ela já recebe a fibra beneficiada.

Dona Aurilene diz que cria os produtos usando sua imaginação e afirma: “Me acho tão feliz com este trabalho, que ligo o meu som e não dou conta de nada mais.” O resultado de sua criatividade são tapetes, porta-joias, bolsas, porta-revistas, porta-panels e porta-pratos.



Aurilene Fortuna e consultora do ArteSol, Jacqueline Melo, com os produtos



Tapete de Carnaúba

Mas nem tudo é tão fácil para Aurilene Fortuna, que aponta as seguintes dificuldades no seu trabalho de artesã: ao “riscar a palha”, há perigo de se cortar, ou ainda, “quando a palha molha, as peças podem depois manchar”. Note-se que essas dificuldades apontadas por Aurilene são identificadas como afirmação e domínio de seu ofício: desde saber manipular suas ferramentas de trabalho até o conhecimento necessário que deve ter da matéria-prima.

Dona Aurilene vende os produtos de trançado de carnaúba em sua própria casa ou no Centro de Artesanato de Jericoacoara, órgão administrado pela Prefeitura Municipal. No Centro de Artesanato, deixa os produtos em consignação; em geral, os compradores são turistas e lojistas locais.

## Pontos de venda

Em Jijoca de Jericoacoara a equipe do ArteSol constatou a existência de muitas lojas de artesanato. Note-se, todavia, que essas lojas, em sua grande maioria, vendem preferencialmente produtos de artesanato que o ArteSol classifica como “manualidades”. Ou seja, são produtos feitos à mão que não se associam necessariamente a uma tradição local; esses produtos também não são transmitidos de geração para geração. Produtos de artesanato considerados manualidades são aqueles que podemos encontrar e aprender a fazer em qualquer

lugar, usando matérias-primas sem característica local predominante, pois não fazem parte do patrimônio imaterial de uma dada localidade. Pode-se afirmar que as peças de artesanato que se caracterizam como “manualidades” não têm valor cultural, muito embora possam ser artísticas e bem elaboradas.

Já na Praia de Jericoacoara, especialmente na Rua Principal, foram localizadas cerca de dez lojas de artesanato com produtos que podem ser considerados de artesanato de tradição. Foi-se notado, todavia, que esses produtos em geral não fazem parte da tradição de Jijoca de Jericoacoara ou mesmo de seu entorno. Dentre os produtos comercializados nas lojas da Rua Principal encontram-se peças de cerâmicas provenientes de Minas Gerais, peças de trançado e de tecelagem do Piauí, e outros produtos de outros estados brasileiros. Destacam-se ainda, em grande número, produtos de trançado de Bali e outros países asiáticos, bem como peças de prata. Também nas lojas da Rua Principal foram encontrados produtos de artesanato do tipo “manualidades”, como colares e roupas feitos na própria localidade.

Embora se constate no mercado local uma grande variedade de produtos de artesanato provenientes de diferentes partes do Brasil e do mundo, bem como peças artesanais feitas no próprio município, não se observou, nas lojas, um destaque especial para os produtos de artesanato tradicional encontrados em Jijoca de Jericoacoara, como o próprio crochê ou ainda os produtos de trançado de carnaúba. O artesanato tradicional de Jijoca de Jericoacoara se perde, por assim dizer, nas prateleiras entre as peças oriundas de diversas partes do mundo – produtos “globalizados” e sem a marca local.



Rua Principal – Jericoacoara





Centro de Artesanato de Jericoacoara

Como já apontado, outro ponto de venda é o Centro de Artesanato de Jericoacoara, que foi construído pelo Governo do Estado do Ceará e transferido à Prefeitura de Jijoca de Jericoacoara em regime de comodato. Hoje, cabe à Prefeitura sua administração, que paga os custos de funcionamento do local e a funcionária que o dirige, dona Elivandra. Como se constatou no depoimento de dona Aurilene, os artesãos deixam seus produtos no Centro de Artesanato em consignação. A cada final de semana é feita a prestação de contas com os artesãos, com a entrega do valor correspondente à venda alcançada. Não foi possível saber se o Centro acrescenta ou não um valor aos produtos para cobrir eventuais custos de comercialização.

Situado na entrada da Praia de Jericoacoara, o Centro de Artesanato está distante da rota de circulação dos turistas e longe da Rua Principal, onde se encontram os restaurantes e hotéis mais conhecidos, nem há qualquer divulgação (folders ou cartazes) sobre a existência do mesmo nos locais mais visitados pelos turistas. As consultoras do ArteSol tomaram conhecimento do Centro de Artesanato em Jericoacoara por indicação da sra. Josedna da Silva Dias, secretária municipal de Ação Social de Jijoca de Jericoacoara. Vale notar que a sede do Centro de Artesanato de Jericoacoara também é utilizada pelo Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e pelo Projeto Sentinela, do Conselho Tutelar.



## Considerações finais e recomendações

Assim como no município de Cruz, os indicadores sociais de Jijoca de Jericoacoara apresentados neste diagnóstico também apontam para um quadro preocupante. O município possui uma alta porcentagem de crianças entre 0 e 14 anos – quase 40% da população local. O grau de escolaridade da população é baixo, sendo que apenas 51 habitantes possuem 15 anos ou mais de estudo. Nesse panorama, entende-se que é essencial desenvolver atividades de geração de trabalho e renda que sejam capazes de evitar o êxodo dessa população, fixando os adultos no município, e que essas ações levem em conta os ativos disponíveis na localidade: capital humano, saberes e fazeres tradicionais e matérias-primas locais.

No que se refere ao artesanato, embora tenha grande atratividade turística e receba, por isso, grande contingente de turistas brasileiros e estrangeiros, Jijoca de Jericoacoara não se destaca por uma produção artesanal característica do município.

As lojas de artesanato somam pouco mais de dez, concentradas, em sua maioria, na Rua Principal, na Praia de Jericoacoara. Embora muito variados, os produtos que comercializam, embora muito variados, são em sua maioria, de outros estados brasileiros ou até mesmo de outros países.

O artesanato local é oferecido em pouca variedade, restrito basicamente às peças de trançado de carnaúba, feitas pela d. Aurilene, e às peças de crochê de crocheteiras da cidade. Também são poucos os estabelecimentos onde podemos encontrar um artesanato de tradição de Jijoca de Jericoacoara. Destacam-se o Centro de Artesanato, onde os produtos de artesãos locais são deixados em consignação por eles para serem vendidos a turistas e lojistas locais.

Ressalte-se ainda que essa quase ausência do artesanato de tradição no mercado de Jijoca de Jericoacoara está diretamente ligada à desvalorização desse artesanato – primeiro, pelos próprios artesãos, mas também pelas autoridades locais e especialmente pelos comerciantes, que têm preferido colocar nas prateleiras de suas lojas peças produzidas em outras partes do mundo.

Diante desse quadro, o Artesanato Solidário faz as seguintes sugestões:

- realização de ações que valorizem as duas tipologias de artesanato de tradição identificadas no município: o crochê e o trançado de carnaúba.
- Em relação ao crochê, embora seja muito importante o apoio que o SEBRAE/Sobral vem dando às crocheteiras para a criação de uma associação, consideramos fundamentais outras ações, especialmente aquelas relacionadas ao desenvolvimento de novos produtos de crochê que busquem ex-

pressar as singularidades da região e, acima de tudo, que representem, com seu preciosismo técnico, a tradição de um saber-fazer que atravessa gerações. No entender do Artesanato Solidário, as peças de crochê atualmente criadas não atendem a esses quesitos. Por se tratar de uma tipologia de artesanato antiga e mais disseminada no município, o crochê, representado por uma coleção de produtos, pode vir a se tornar, além de uma importante manifestação do artesanato de tradição de Jijoca de Jericoacoara, uma alternativa muito promissora de geração de trabalho e renda local em razão de seu potencial de comercialização associado ao turismo local.

- Quanto ao trançado de carnaúba, o Artesanato Solidário considera que essa tipologia deve ser estimulada por reunir as seguintes vantagens: a) trata-se de um artesanato de tradição que utiliza uma matéria-prima (carnaúba) abundante na vegetação local; b) apesar de ser uma tipologia de artesanato pouco disseminada em Jijoca de Jericoacoara, d. Aurilene, que domina a técnica, mostrou-se bastante animada com a possibilidade de poder repassar seu saber-fazer com a fibra de carnaúba a outros moradores de Jijoca de Jericoacoara; c) a tipologia trançados e cestaria é uma técnica de aprendizado relativamente fácil e rápido. Sugere-se, assim, a formação de um grupo de interessados no repasse do saber de d. Aurilene; e d) o trançado de carnaúba tem grande potencial como alternativa de geração de renda para um número maior de pessoas do município, pois os produtos feitos com essa matéria-prima têm grande aceitação no mercado consumidor, como atesta a experiência do Artesanato Solidário na abertura de canais de comercialização de produtos de carnaúba em grandes centros urbanos.
- ações para a valorização do artesanato de tradição em Jijoca de Jericoacoara sejam realizadas em consonância com uma estratégia de criação de uma marca local. Essa marca estaria presente tanto nos produtos feitos de crochê como nas peças de trançado de carnaúba. A marca deve estar associada ao município de Jijoca de Jericoacoara como um destino turístico; associada a produtos de artesanato de tradição adquiridos na própria localidade, a marca os remeteria à categoria de souvenir; associada a produtos comprados fora de seu local de origem, a marca deve remeter os produtos à categoria de bem cultural de um local que, além de aprazível, seja referência de destino turístico.

## CRUZ

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Cruz é 0,643 (IPECE, 2000), o que corresponde ao 61º lugar na classificação do Estado do Ceará.

O município possui sete estabelecimentos públicos de saúde, 24 pré-escolas, 24 escolas de ensino fundamental e duas escolas de ensino médio (IBGE, 2007).

Cruz não conta com rede de esgoto na sua área urbana; a taxa de cobertura urbana de abastecimento de água é de 81% (IPECE, 2006).

Importante referencial turístico da cidade é o Parque Nacional de Jericoacoara, uma vez que Cruz tem 33% da Área de Proteção Ambiental (APA) de Jericoacoara. Dentre outros pontos turísticos do município destacam-se o Açude da Prata, a Lagoa Azul, a Praia do Preá, a Lagoa da Cruz e a Igreja da Matriz.



Praia do Preá



Monumento Francisco de Assis, no trevo de entrada da cidade

## O artesanato local

Conforme entrevistas realizadas e questionários aplicados, são quatro tipologias de artesanato no município: escultura e entalhe, crochê, trançados e cestaria e artesanato variado.

### Escultura e entalhe

Em Cruz, a tipologia escultura e entalhe é feita com duas diferentes matérias-primas: madeira-louro e quenga do coco.

O sr. José Valdeci Alves do Nascimento, de 45 anos, mora no bairro Canema e faz esculturas e entalhes em madeira desde os 15 anos de idade, quando aprendeu o ofício com um amigo. Ele disse que não possui outro trabalho além do artesanato, mas recebe o benefício da Bolsa Família. Com o ofício de artesão, ele diz ganhar em média R\$ 250,00 mensais, quando há encomendas. Com a renda, o sr. José compra alimentos para

a família e paga suas contas. Ele possui carteira de artesão emitida pela Central de Artesanato do Ceará (Ceart).



sr. José Valdeci Alves do Nascimento

O artesão contou ainda às consultoras que utiliza como matéria-prima a madeira-louro, que ele compra em serrarias do município. Os instrumentos de trabalho, como formão, goiva, beril e lixa, são comprados por ele em Fortaleza.



Ferramentas de trabalho do artesão José Valdeci Alves do Nascimento

O sr. José se mostrou interessado em participar de um grupo de artesanato, porque acredita que dessa forma teria apoio para comercializar seus produtos. No momento em que as consultoras Jacqueline Melo e Macao Goes fizeram a visita, ele não tinha nenhuma peça acabada e estava talhando uma Santa Ceia.

No bairro Sindicato mora o sr. Dejaci Diogo Teixeira, de 71 anos, que produz peças de artesanato utilitário com a quenga do coco. Ele aprendeu o ofício sozinho aos 10 anos de idade, mas retomou a atividade somente há um ano. É lavrador aposentado e recebe R\$ 415 por mês sua única renda, pois a venda do artesanato não é constante.

Além da quenga do coco, o sr. Dejaci utiliza como matérias-primas o chifre de boi. Ele disse que ganha essas matérias-primas de outras pessoas ou as compra no próprio município. Como ferramentas de trabalho, ele utiliza lixadeira, esmeril e torno, todas adquiridas no comércio local.



Macao Goes, Jacqueline Melo e Dejaci Diogo Teixeira

Colheres, conchas, escumadeiras, de tamanhos diversos, e também pequenos copos, são as peças produzidas pelo sr. Dejaci, que nunca participou de um grupo organizado para a produção artesanal, mas afirmou que gostaria de participar.





Colheres, escumadeiras, conchas e pequenos copos de quenga de coco produzidos pelo sr. Dejaci

## Crochê

Em Cruz, existe a Associação de Artesãs da Vila do Preá/Preart, formada por 20 crocheteiras entre 20 e 50 anos. Quase todas aprenderam na infância e fizeram cursos de aperfeiçoamento oferecidos pelo SEBRAE/Sobral. Elas disseram que vendem seus produtos para a Central de Artesanato do Ceará/Ceart, em Fortaleza, e também na barraca da própria associação na Praia do Preá. A barraca é uma doação da Prefeitura Municipal de Cruz.



Trama-fio crochê

A crocheteira Maria da Conceição Ferreira, de 21 anos, é a responsável pela barraca da associação na Praia do Preá. Por esse trabalho, ela recebe R\$ 300 mensais da prefeitura.

Dona Maria Iolanda Ferreira, de 30 anos, também é crocheteira. Já fez parte da Preart, mas deixou a Associação para abrir sua própria loja de artesanato Iolanda Artesanato , na Praia do Preá. Na loja, dentre outros produtos, são vendidas peças de crochê feitas pelas artesãs que integram a Associação. Ela contou que aprendeu o ofício aos oito anos com a sua mãe, fazendo colchas de cama.

Em seu trabalho, d. Maria Iolanda usa fio cru e linhas das marcas Glória, Cléa e Clara, que compra em pequenas quantidades no comércio local; quando tem mais condições, disse preferir fazer suas compras de matérias-primas em Fortaleza. Para produzir peças feitas de algodão ou linho que receberão aplicação do crochê como acabamento ou adorno, d. Maria Iolanda usa máquina de costura.



Maria da Conceição Ferreira faz crochê

Como comerciante, ela disse ter uma renda de R\$ 1.000,00 mensais. Como artesã, afirmou obter cerca de R\$ 60,00 mensais, que complementam a sua renda.



Na percepção da equipe de campo do Artesanato Solidário/ArteSol, d. Maria Iolanda parece exercer grande influência sobre as crocheteiras locais. Como lojista, ela recebe encomendas e as distribui entre as artesãs da associação. Assim, mesmo não mais pertencendo ao quadro de associadas da Preart, d. Maria Iolanda parece ainda deter algum controle sobre a produção e venda do artesanato em crochê no município de Cruz.



Consultora Jacqueline Melo e artesã Maria Iolanda Ferreira

## Trançado e cestaria

Manuel Itevaldo Brandão usa o talo de coco e cipó para produzir peças de artesanato em trançado. Ele mora no centro do município e começou a fazer artesanato há um ano como passatempo; segundo informou, aprendeu sozinho, copiando alguns modelos, criando outros. sr. Manuel disse obter as matérias-primas facilmente na região.

Suas ferramentas são lixadeira e faca, vindas de Sobral ou Cruz. Com elas o artesão faz, dentre outros produtos, luminárias em talo de coco. O trançado é o talo de coco que é utilizado como o suporte do próprio objeto.

Ele afirmou que gostaria de participar de um grupo organizado para a produção de artesanato, ainda que jamais tenha participado de um.

Seu Manuel trabalha, ainda, como auxiliar na farmácia municipal; sua renda mensal é de R\$415. Ele disse que, quando tem tempo, consegue produzir mais peças de artesanato, e com isso chega a ganhar até R\$ 150,00 por mês.



Matérias-primas: talo de coco e cipó



Luminária em talo de coco feita pelo sr. Manuel

## Artesanato variado

Em Cruz identificamos dois artesãos que produzem diversos objetos com o talo da carnaúba. Para a produção desses objetos o talo da carnaúba, em alguns casos, é meramente um revestimento e, em outros, torna-se um objeto que precisa de amarração, o que é feito com outros materiais.

O artesão Egilásio da Silva tem 32 anos e mora na localidade de Caiçara. Ele começou a fazer produtos com o talo da carnaúba há dois anos. Disse que aprendeu a técnica sozinho, com dicas de outras pessoas. Além de artesão, Egilásio é auxiliar de serviço na Prefeitura Municipal de Cruz e recebe um salário mínimo por mês. Para ele, o artesanato é uma fonte complementar de renda, do qual lucra abaixo de meio salário mínimo por mês. Com a renda extra, ele compra alimentos e paga as contas. Egilásio diz vender seus produtos na Praia de Jericoacoara e em sua própria casa. O artesão afirma ter dificuldades para conseguir o talo da carnaúba, porque a matéria-prima é extraída de terras de terceiros.



Artesão Egilásio da Silva e consultora do ArteSol Macao Goes

Para produzir suas peças, o sr. Egilásio usa alicate, serra, martelo, faca e escala, que são comprados no comércio de Jijoca de Jericoacoara.

Dentre as suas peças, destacam-se cachepôs e fruteiras. Ele disse que nunca participou de um grupo organizado para a produção artesanal, mas que gostaria de participar.



Cachepô para plantas em talo da carnaúba do artesão Egilásio da Silva

## Pontos de venda

O ponto de venda de artesanato no município de Cruz identificado pela equipe de campo do ArteSol é a Central de Artesanato, situada na entrada do município e mantida pela Prefeitura Municipal. Além da comercialização, a Central conta com espaço para a realização de reuniões, cursos e exposições.

Os produtos vendidos na Central de Artesanato são deixados pelos artesãos em consignação. Lá se encontram diferentes produtos, feitos por pessoas do próprio município, como bordados, trançados de palha de carnaúba e crochê. As peças são utilitárias, decorativas ou ainda acessórios de moda: cestos, porta-pratos de carnaúba, bolsas de tecido bordadas e pintadas, bonecas de pano, colheres de coco, panos de bandeja, toalhas de rosto e de lavabo bordadas e com barra de crochê.



Na avaliação das consultoras Jacqueline Melo e Macao Goes, do ArteSol, a Central de Artesanato é um espaço bastante adequado para a venda e exposição de artesanato.

Outro ponto comercial, já indicado, é a loja Iolanda Artesanato, cuja proprietária é Maria Iolanda Ferreira. A loja de d. Iolanda vende principalmente redes feitas de crochê, mas também bolsas, blusas, vestidos, centros de mesa e saídas de banho.



Central de Artesanato



Interior da Central de Artesanato



Loja Iolanda Artesanato, na praia do Preá

Já foi mencionado também outro ponto de venda de artesanato em Cruz: a barraca da Associação de Artesãs da Vila do Preá, na praia de mesmo nome. Lá encontramos peças de vestuário em crochê, como vestidos, blusas e saídas de praia, além de varandas de rede. Além de produtos de artesanato, também são encontrados produtos industriais, como chapéus, bonés e chaveiros, dentre outros.



Associação de Artesãs da Vila do Preá

## Instituições de apoio ao artesanato no município

O secretário municipal do Turismo e Meio Ambiente, sr. José Bezerra de Sousa Junior, destacou o apoio dado pelo SEBRAE/Sobral para os artesãos participarem de feiras. Além disso, realizou cursos de capacitação dos quais participaram as artesãs associadas à Associação de Artesãs da Vila do Preá (Preart). De acordo com informações obtidas em campo, consta que o apoio do SEBRAE/Sobral não se dá de maneira contínua, mas pontualmente, na realização de cursos de capacitação e participação em feiras.

## Considerações finais e recomendações

No município de Cruz encontramos quatro tipologias de artesanato:

- Escultura e entalhe – são dois artesãos trabalhando nesta tipologia: sr. José, que faz peças decorativas com madeira-louro, e sr. Dejaci, que produz colheiras, conchas, escumadeiras e pequenos copos com a quenga de coco.
- Crochê – essa tipologia está representada pelas artesãs Maria da Conceição Ferreira, associada da Preart, e por d. Maria Iolanda.
- Trançados e cestaria – o artesão sr. Manuel, representante desta tipologia, faz, dentre outros produtos, luminárias de talo de coco.
- Artesanato variado – destacam-se o sr. Egilásio e o sr. Manuel, que produzem objetos diversos com o talo da carnaúba.

Os indicadores sociais apresentados no início deste diagnóstico mostram um quadro preocupante do município de Cruz. Trata-se de uma cidade pobre que oferece poucas oportunidades de trabalho regular; sua principal atividade econômica é o turismo; tem alta porcentagem de crianças entre 0 e 14 anos e proporcionalmente poucos adultos na população economicamente ativa (de 18 a 65 anos). A população de Cruz, em geral, possui baixa escolaridade e um número insignificante de habitantes com 15 anos ou mais de estudo.

Diante deste quadro, é fundamental desenvolver atividades de geração de trabalho e renda que sejam capazes de fixar os adultos no município e que se baseiem em ativos disponíveis no município: saberes e fazeres e matérias-primas locais. O artesanato atende perfeitamente a estes critérios.

Com base na análise realizada pela equipe ArteSol sobre as tipologias de artesanato encontradas em Cruz, seguem as seguintes recomendações.

Embora já exista uma associação de crocheteiras constituída, na avaliação do ArteSol o crochê não deve ser alvo de ações no município de Cruz – diferentemente de Jijoca de Jericoacoara, onde o crochê é uma tipologia bastante antiga e muito disseminada, daí a recomendação do fomento da tipologia naquele município. Em Cruz, o crochê está mesclado com o corte e costura, tornando-se muitas vezes apenas um acabamento. Também não é desejável que dois municípios vizinhos desenvolvam produtos de uma mesma tipologia, gerando concorrência entre si.

Pelo mesmo motivo, considera-se não ser prudente trabalhar com a tipologia trançados e cestaria, haja vista que esta também será uma das tipologias a ser fortalecida no município vizinho de Jijoca de Jericoacoara.

Em relação ao artesanato variado em talo de carnaúba, conforme explicitado anteriormente, os artesãos do município trabalham com a matéria-prima como revestimento ou com amarração. Trata-se de um artesanato comum, sem valor cultural e baixo potencial para se constituir em marca singular de um produto associado ao turismo.

Considera-se aqui que a tipologia escultura e entalhe tem grande chance de tornar-se uma marca para o artesanato de Cruz. Com base na experiência comercial e de divulgação do ArteSol, a tipologia apresenta grande potencial de mercado, e, portanto, de geração de renda para os artesãos.

Recomenda-se ações que valorizem a tipologia escultura e entalhe. Sugere-se ainda a formação de dois grupos para trabalhar com esta tipologia:

- O primeiro grupo trabalhará com a madeira-louro, partindo do saber-fazer do sr. José, que faz esculturas figurativas com esta matéria-prima.
- O segundo grupo utilizará como matéria-prima a quenga do coco, contando com o saber-fazer do sr. Dejaci, que produz colheres, conchas, escumadeiras e pequenos copos com a quenga de coco.





## OFICINAS

O *Produto IV* do projeto descreve e avalia as oficinas realizadas em sete localidades, distribuídas em seis municípios: Cruz, Jijoca de Jericoacoara e Camocim, no Ceará; Parnaíba, no Piauí, e Barreirinhas e Paulino Neves, no Maranhão.

A escolha dessas localidades foi realizada em conjunto com o Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS), tendo por base o diagnóstico e as oito análises situacionais desenvolvidas pelo Artesanato Solidário/ArteSol.

Entre os meses de dezembro de 2008 a maio de 2009 foram realizadas 18 oficinas, distribuídas da seguinte maneira:

- 9 oficinas de aprimoramento e desenvolvimento de produtos: 4 oficinas Ceará (2 oficinas em Jijoca de Jericoacoara, 1 oficina em Camocim e 1 oficina em Cruz); 2 oficinas no Maranhão (1 oficina em Barreirinhas e 1 oficina em Paulino Neves) e 3 oficinas no Piauí (2 oficinas no Bairro João XXIII e 1 oficina no Bairro Santa Luzia, ambos localizados no município de Parnaíba).
- 7 oficinas de formação de preços: 3 oficinas no Ceará (1 oficina em Jijoca de Jericoacoara, 1 oficina em Camocim e 1 oficina em Cruz); 2 oficinas no Maranhão (1 oficina em Barreirinhas e 1 oficina em Paulino Neves) e 2 oficinas no Piauí (1 oficina no Bairro João XXIII e 1 oficina no Bairro Santa Luzia, ambos localizados no município de Parnaíba).
- 2 oficinas de Organização do Trabalho Coletivo: 1 oficina no Maranhão (Paulino Neves) e 1 oficina no Ceará (Cruz).

Como parte do *Produto IV* estava ainda prevista a elaboração de fichas de produtos. Foram produzidas 24 fichas, 15 a mais do que as 9 inicialmente previstas no escopo do presente projeto; do total de 24 fichas, 10 são produtos das oficinas realizadas no Ceará (2 fichas do município de Cruz, 2 de Camocim, 6 de Jijoca de Jericoacoara), 6 do Piauí (4 do Bairro João XXIII e 2 do Bairro Santa Luzia, ambos localizados em Parnaíba) e 8 do Maranhão (6 para Barreirinhas e 2 para Paulino Neves).

Quadro – Municípios, localidades e tipologias de artesanato sugeridos para receberem oficinas e previsão de período de sua realização.

Estado	Município	Localidade	Tipologia	Oficinas produto	Oficinas preço	Oficina manejo
CE	CRUZ	Bairro Sindicato	Escultura e entalhe	1ª quinzena dez./08	2ª quinzena fev./09	-
		Bairro Canema	Escultura e entalhe	1ª quinzena dez./08	2ª quinzena fev./09	-
	JIJOCA DE JERICOACOARA	Diversos bairros	Crochê	1ª quinzena dez./08	1ª quinzena mar./08	-
		Centro	Trançados e cestaria	1ª quinzena dez./08	1ª quinzena mar./08	-
	CAMOCIM	Praça do Cruzeiro	Trançados e cestaria	Nov./08	1ª quinzena mar./08	-
PI	PARNAÍBA	João XXIII (CAMPAL)	Trançados e cestaria	Nov./08	2ª quinzena fev./09	-
		Santa Luzia (CAMPAL)	Trançados e cestaria	Nov./08	2ª quinzena fev./09	-
MA	BARREIRINHAS	Diversos povoados	Trançados e cestaria	1ª quinzena dez./08	1ª quinzena mar./08	1ª quinzena dez./08
	PAULINO NEVES	Povoado de Vista Alegre	Trançados e cestaria	1ª quinzena dez./08	1ª quinzena mar./08	1ª quinzena dez./08

Fonte: Artesanato Solidário/ArteSol, 2008.

## CEARÁ

Camocim

**Oficina:** Aprimoramento e desenvolvimento de produtos

**Data:** 29 e 30/04/2009

**Local:** Centro de Referência do Idoso

**Parceiros:** Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Camocim/CE

**Instrutora:** Isabel Bahia, arquiteta e *designer*

A oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos ocorreu entre 29 de abril e 1º de maio de 2009, pela instrutora Isabel Bahia. As atividades foram realizadas com um grupo de 17 artesãos no Centro de Referência do Idoso, com apoio da Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Camocim. Os dois dias foram acompanhados pela agente local do projeto, Ilzanila Matos.

Esta oficina teve como objetivos aprimorar a técnica e o acabamento dos produtos e desenvolver uma coleção de produtos que expresse a identidade local. Os conteúdos trabalhados foram:

- Dinâmicas de apresentação.
- Identificação das habilidades dos artesãos.
- Acompanhamento individual para o desenvolvimento de cada artesão.
- Exposição de catálogos de artesanato brasileiro feitos com matérias-primas semelhantes à utilizada pelo grupo e de produtos elaborados com outro tipo de fibra, a fim de lançar um desafio e mostrar até onde o trabalho poderia avançar.
- Elaboração de novas peças.

A instrutora iniciou a oficina falando do valor das peças genuinamente artesanais, já que a maioria do grupo produz peças utilizando material industrializado e de pouca expressão. Em seguida, Isabel Bahia discorreu sobre a fibra de tucum; disse que, mesmo abundante na região, a fibra muitas vezes é desconhecida nos mercados do Sul e Sudeste, o que pode se tornar um diferencial competitivo para os produtos feitos com essa matéria-prima. Com a ajuda dos artesãos foram pesquisados alguns trabalhos que fazem parte da cultura local, a fim de valorizar a produção local e estimular sua continuidade. Também foi tema a importância do comprometimento dos artesãos em todo o processo de produção – desde a extração da fibra, preparação das cordas com qualidade, tingimento com pigmentos naturais, ao trançado – com destaque para a qualidade de um bom acabamento – diferencial dos produtos.

A instrutora sugeriu a introdução da fibra de tucum ao bordado, com desenvolvimento de novos produtos que podem vir a ser a marca do grupo. Durante a produção das peças, Isabel procurou estimular o trabalho em grupo, de modo que os artesãos pudessem possibilitar a troca de experiências e agilizar a produção.

Por fim, também foram temas o manejo sustentável e o tratamento da fibra de tucum, sem agressão do meio ambiente.

Trata-se de um grupo com grande potencial de sucesso, graças a uma abundante e rica matéria-prima, somada à habilidade e qualidade de seus membros.

## Resultados obtidos

Como resultado desta oficina as artesãs confeccionaram novos produtos a partir da fibra do tucum: bolsas, carteiras, tiaras, redes, porta-guardanapos, suplás.

## Relação de participantes

Relva Aires, Maria do Socorro, Mariana Fernandes, Mariana Fernandes, Sandra Araújo, Maria do Livramento, Aldeniza Araújo, José Osmarino, Maria Euda, Maria Isabel, Ana Lúcia Souza, Hercília, Reldileny, Leda, Eudes, Juscelina, Liduina e Eduardo.



Grupo de artesãs após oficina de produto



Rede trançada em fibra de tucum



**Oficina:** Formação de preços de produtos

**Data:** 04 e 05/05/2009

**Local:** Centro de Referência do Idoso

**Parceiro:** Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Camocim/CE

**Instrutor:** Júlio Ledo, engenheiro, especialista em economia solidária

A oficina de formação de preços foi realizada nos dias 04 e 05 de maio de 2009 pelo instrutor Júlio Ledo, no Centro de Referência do Idoso, com apoio da Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Camocim. Os dois dias de oficina foram acompanhados pela agente local do projeto, Ilzanila Matos.

As atividades foram realizadas com um grupo de 11 artesãs. Nem todos puderam participar da oficina devido às graves chuvas que castigavam a região naqueles dias.

O objetivo foi a formação de preços justos para as peças produzidos na oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos e de alguns outros já existentes, com base nos princípios do comércio justo.

## Conteúdos da oficina

- Apresentação em *power point* dos conceitos de comércio justo.
- Aplicação de dinâmicas com a finalidade de reforçar o aprendizado do grupo.
- Relação do trabalho X hora de trabalho X emprego.
- Introdução aos custos fixos e variáveis.
- Leitura dos textos “A vida em grupo pede altruísmo” e “Eu tenho valor”.
- Exercícios de formação de preços justos.

Com um grupo de 11 artesãs, o instrutor apresentou os princípios do comércio justo, ressaltando a importância de formular um preço justo para o artesanato produzido. Em seguida, Júlio Ledo fez a leitura do texto “A vida em grupo pede altruísmo”, com a finalidade de ressaltar a importância do trabalho em grupo; para reforçar o conteúdo ensinado, ele realizou a dinâmica “Passando a bola”, em que os artesãos, organizados em roda, passavam a bola de mão

em mão até que o instrutor os interrompesse para responder uma pergunta formulada por um colega de grupo.

Após a dinâmica, Júlio explicou conceitos de valores fixos e variáveis e o cálculo do valor da produção do artesão, baseado no valor do salário mínimo. O instrutor também apontou outros componentes que devem formar o preço dos produtos, como matéria-prima e margem de lucro. Como resultado do primeiro dia de atividade foi calculado, de forma participativa, o preço de um produto – um descanso para panela.

A oficina foi finalizada com a leitura do texto “Eu tenho valor”, que trata da importância de cada artesão no grupo, para ilustrar, segundo o instrutor, “que o todo nada mais é do que o conjunto das partes”.

A atividade de cálculo do preço envolve o tempo médio de produção das peças e todos os componentes a serem considerados: o valor da matéria-prima, do lucro, da venda para atacado e para varejo, além da definição de uma porcentagem que deve ser destinada ao fundo rotativo do grupo e da reserva necessária para aquisição de matéria-prima.

Ao final, Júlio apresentou aos artesãos alguns *slides* sobre a diferença entre artesanato, trabalhos manuais e arte popular; também tratou da importância do trabalho coletivo e da valorização do trabalho artesanal no Brasil. O encerramento da atividade foi a leitura de um poema de Cora Coralina, “Saber viver”.

Os artesãos disseram estar muito contentes com a realização da oficina.

## Resultados obtidos

Onze produtos tiveram seus preços elaborados. Os artesãos apropriaram-se da metodologia de formação de preços justos e disseram estar muito contentes com a realização da oficina. Para o instrutor, a oficina de formação de preço teve um ótimo rendimento devido ao esforço e ao interesse do grupo em entender cada etapa do processo.

“Preço justo é aquele que paga nosso trabalho, as coisas que a gente usa e ainda dá para tirar um pouquinho de lucro, não é isso mesmo professor?” (Mariana Fernandes, 22 anos)

“Vai com Deus e que ele te traga de volta logo com o ArteSol, nós queremos muito poder ter mais tempo vocês aqui, pois se a gente já aprendeu tanta coisa nesse tempinho, imagine se fosse mais tempo.” (Relva Aires, 54 anos)

## Relação de participantes

Relva Aires, Maria do Socorro, Mariana Fernandes, Sandra Araújo, Maria do Livramento, Aldeniza Araújo, José Osmarino, Maria Euda, Maria Isabel, Ana Lúcia Souza e Maria dos Santos.



Instrutor Júlio repassando conceitos de preço justo



Artesãs participando de dinâmica



## CRUZ

**Oficina:** Aprimoramento e desenvolvimento de produtos

**Data:** 18 e 19/04/2009

**Local:** Capela Nossa Senhora Aparecida do Povoado Cajueirinho

**Instrutora:** Ana Márcia Moura, arquiteta e *designer*

A oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos ocorreu nos dias 18 e 19 de abril de 2009 pela instrutora Ana Márcia Moura. As atividades foram realizadas com um grupo de 27 artesãs residentes no povoado de Cajueirinho, localizado a 20 km do centro do município de Cruz/CE. O objetivo da oficina foi criar opções viáveis para as artesãs ampliarem seu repertório de produtos, minimizando a dependência em relação à rede e agregando valor à técnica da tecelagem em varanda de parede, por meio de sua aplicação como produto final ou em outros produtos, como mantas, jogos americanos, centros de mesa e guardanapos.

O grupo é formado majoritariamente por mulheres que tecem varandas em teares improvisados a partir da linha e do fio cru; essas varandas não são consideradas produtos finais, pois servem como adornos para redes e são costuradas às suas laterais, como acabamento da peça. As artesãs montam o trabalho fixando pregos ou amarrando fios onde puderem para iniciar a tecelagem.

A instrutora iniciou a oficina demonstrando às artesãs como valorizar as peças produzidas com a utilização de novos materiais, principalmente novos tecidos, como o linho e tecidos com padronagens em xadrez. As artesãs aprenderam a fazer os moldes para jogos americanos, guardanapos e centros de mesa, utilizando cortes de linho em diferentes tamanhos e a aplicação da varanda com linhas mais delicadas e em novas cores. Ana Márcia falou sobre as diversas linhas e cores – antes eram utilizadas linhas mais grossas e cores mais fortes – e sua importância para a delicadeza e o acabamento das peças.

O resultado da oficina foi a produção de seis novos produtos e a ampliação do repertório do grupo, que produziu, durante a oficina, mantas, jogos americanos convencionais e transversais, guardanapos de mesa e bandeja e bolsas.

### Relação de participantes

Maria Edivanir Medeiros, Maria Solange do Nascimento, Francisca Veronisa de Freitas, Maria do Livramento do Nascimento, Maria Valnê Silveira, Maria

Lucia Silva, Maria de Fátima Celestino, Márcia Maria de Sousa, Ana Claudia Marques de Freitas, Maria Edinete de Lima, Francisca Elisângela Araújo, Maria Neves de Oliveira Silveira, Maria Cecília da Silveira, Celestina Maria de Freitas Sousa, Maria de Fátima Silveira, Francisca Eurilena da Silva, Zilda Maria da Silva, Ana Claudia Medeiros Marque, Maria Silvani Medeiros Sousa, Maria de Fátima de Maria, Maria Cleide dos Santos, Maria Lucivânia da Silva, Maria Fancineide de Vasconcelos, Maria Rosangela Medeiros, Maria Vilani Medeiros Sousa, Maria Luciene de Freitas.



Artesãs tecem varanda de parede



Artesãs finalizam produto

**Oficina:** Organização do trabalho coletivo e gestão associativa

**Data:** 28 e 29/04/2009

**Local:** Capela Nossa Senhora Aparecida do Povoado Cajueirinho

**Parceiros:** Secretaria de Ação Social de Cruz/CE

**Instrutora:** Maria de Fátima Medeiros Resende, especialista em economia doméstica

A oficina de gestão associativa foi realizada nos dias 28 e 29 de abril de 2009 pela instrutora Maria de Fátima Medeiros Resende, na Capela Nossa Senhora Aparecida do Povoado Cajueirinho. Participaram da oficina 26 artesãs, moradoras no povoado e de sítios circunvizinhos.

Para que esta oficina fosse realizada, o Artesanato Solidário/ArteSol contou com a parceria da Prefeitura de Cruz na mobilização e no transporte das artesãs ao local de realização das atividades.

Os objetivos da oficina foram capacitar as artesãs em temas e práticas relativos ao associativismo e atenuar as dificuldades nas relações interpessoais; introduzir métodos práticos para a organização do trabalho coletivo, assim como meios para incentivar a gestão associativa e as potencialidades para a formalização da associação.

A instrutora Fátima iniciou o primeiro dia de trabalho com a dinâmica “Quem sou eu?”, visando a apresentação do grupo. A partir dessa atividade foi possível obter alguns dados sobre o grupo, com perfil jovem – apenas duas participantes têm mais de 50 anos. O aprendizado do grupo é de origem familiar – o trançado foi passado pelas avós. As artesãs trabalham individualmente em suas casas quando recebem encomendas de intermediários para varandas, não adotam a prática da compra em conjunto da matéria-prima, nem estão organizadas formalmente.

## Conteúdos da oficina

Princípios da cooperação.

O que é uma associação.

Direitos e deveres do associado.

Organização do grupo e do processo de produção.

Controle das peças por artesã.

Livro de vendas.

Organização do portfólio.

Com base na metodologia de participação e construção pontual para estimular o trabalho coletivo do grupo, foram organizadas dinâmicas para avaliar o comportamento das artesãs a partir do processo de mudanças e quebra de paradigmas do “eu” para o “nós”. Na sequência, as artesãs foram capacitadas nos temas e práticas relativos ao associativismo, como direitos e deveres dos associados, papel e composição da diretoria dentro da Associação, estatuto social e regimento interno, dentre outros. Todas as atividades desenvolvidas pela instrutora estimulavam implicitamente o fortalecimento de lideranças dentro do grupo.

No segundo dia, a oficina de gestão associativa foi realizada no período da manhã; o tema trabalhado foi a “Organização do grupo e do processo de produção”. Nesta etapa, para conhecer todas as peças produzidas pelo grupo, foi organizada uma exposição que formava uma linha do tempo com os produtos dos mais antigos aos mais recentes desenvolvidos na oficina de aprimoramento de produtos realizada pelo Artesanato Solidário/ArteSol. A partir disso, as artesãs selecionaram um mostruário para que pudesse ser estudada a capacidade de produção mensal, se trabalhada de forma coletiva. Para um melhor aproveitamento do tempo, foi levantada a divisão de tarefas dentre as artesãs.

A instrutora também apresentou às artesãs o livro de vendas dos produtos e ensinou seu funcionamento e utilização; apontou o livro como forma de melhor administrar a comercialização do grupo, facilitar o controle da produção e o repasse das vendas às artesãs.

Um aspecto favorável neste grupo é que duas artesãs têm acesso à internet e possuem *e-mail*, o que pode facilitar a abertura do grupo a novos mercados e a busca de oportunidades e informações de comercialização.

Ao final da oficina, a Nete foi eleita a responsável pelo grupo, cabendo-lhe a organização e o controle da nova composição do mostruário de produtos, o controle do livro de vendas, a organização do grupo de artesãs e a posterior formalização de uma associação.

Na oficina de gestão associativa, o grupo apresentou potencial para crescimento, uma vez que é formado em sua maioria por jovens que possuem boa técnica artesanal e espírito empreendedor. Mesmo assim, o Artesanato Solidário/ArteSol pondera ser importante que se dê apoio ao grupo em ações de comercialização, divulgação e participação em feiras e eventos.

## Resultados obtidos

Foram apresentados conceitos teóricos e instrumentos práticos para estimular a organização do trabalho coletivo e gestão associativa. As artesãs tiveram instruções de como utilizar o livro de vendas, trabalhar com uma taxa administrativa para controle de capital de giro e organizaram um portfólio de seus produtos em ordem cronológica de criação, a partir da oficina de aprimoramento de produtos. A artesã Nete foi eleita representante informal do grupo. Duas artesãs possuem acesso à internet e foram incentivadas pela instrutora a utilizar essa ferramenta para divulgação e comercialização dos produtos de artesanato.

### Relação de participantes

Maria Edivanir Medeiros, Maria Solange do Nascimento, Francisca Veronisa de Freitas, Maria do Livramento do Nascimento, Maria Valnê Silveira, Maria Lucia Silva, Maria de Fátima Celestino, Márcia Maria de Sousa, Ana Claudia Marques de Freitas, Maria Edinete de Lima, Francisca Elisângela Araújo, Maria Neves de Oliveira Silveira, Maria Cecília da Silveira, Celestina Maria de Freitas Sousa, Maria de Fátima Silveira, Francisca Eurilena da Silva, Zilda Maria da Silva, Ana Claudia Medeiros Marque, Maria Silvani Medeiros Sousa, Maria de Fátima de Maria, Maria Cleide dos Santos, Maria Lucivânia da Silva, Maria Fancineide de Vasconcelos, Maria Rosangela Medeiros, Maria Vilani Medeiros Sousa e Maria Luciene de Freitas.



Grupo de artesãs após oficina de gestão associativa e de preço

**Oficina:** Formação de preços dos produtos

**Data:** 29 e 30/04/2009

**Local:** Capela Nossa Senhora Aparecida do Povoado Cajueirinho

**Parceiros:** Secretaria de Ação Social de Cruz/CE

**Instrutora:** Maria de Fátima Medeiros Resende, especialista em economia doméstica.

A oficina de formação de preços dos produtos foi realizada nos dias 29 e 30 de abril de 2009 pela instrutora Maria de Fátima Medeiros Resende, na Capela Nossa Senhora Aparecida do Povoado Cajueirinho. Assim como na oficina de gestão associativa, 26 artesãs participaram das atividades. A oficina também contou com a parceria da Prefeitura de Cruz na mobilização e no transporte das artesãs até o local.

Os objetivos da oficina de formação de preços foram apresentar aos artesãos os princípios do comércio justo; retomar conceitos de processos de organização da produção; mostrar a relação entre trabalho e mercado do artesanato; e capacitar os artesãos na metodologia de formação de preços para os produtos de artesanato local.

A instrutora falou sobre a importância da continuidade do repasse do saber tradicional às gerações mais novas; o trabalho do artesão; as oportunidades e as dificuldades do mercado. A questão da comercialização foi introduzida com a apresentação dos princípios do comércio justo, com ênfase na importância de se formular um preço justo, apresentar produtos com qualidade, bom acabamento e embalagem.

No segundo dia de oficina, o grupo foi capacitado para a formação de preços justos para os produtos, e consideradas questões como o tempo de produção de cada peça, o custo e a quantidade de matéria-prima utilizada, despesas de comercialização, margem de lucro etc. A instrutora realizou jogos lúdicos para estimular a interação do grupo para o processo de decisão no preço final do produto para o lojista e o consumidor final.

Uma questão enfatizada pela instrutora foi o tempo gasto na produção das peças, que hoje varia de artesã para artesã, pois nem todas têm a mesma prática. Fátima explicou que o tempo gasto hoje certamente diminuirá à medida que as artesãs adquirirem mais prática; por isso fez exercícios para calcular preços para os produtos considerando o estágio da produção e orientou o grupo para que posteriormente possa reformular seus preços em definitivo.

A instrutora chamou a atenção do grupo para o fato de as artesãs não adotarem a prática da compra em conjunto da matéria-prima. Ela explicou que se o grupo trabalha coletivamente, consegue, dentre outras coisas, baratear os custos de produção. Um exemplo é a matéria-prima, cujo acesso é fácil, pois está disponível no mercado local e tem um custo baixo.

Sobre a comercialização dos produtos, as artesãs contaram que não há um ponto de venda definido no povoado e que a venda é feita basicamente por intermediários, que encomendam os produtos e fornecem a matéria-prima – linha ou fio – para a produção. As artesãs também informaram que não participam de feiras e eventos ligados ao artesanato.

Sobre a ausência de pontos de comercialização, a instrutora ponderou com o grupo que a localização do povoado de Cajueirinho, na estrada de acesso do município de Cruz e dos principais pontos turísticos da região, favorece a instalação de um ponto de venda para as artesãs do povoado.

## Resultados obtidos

Ao final da oficina, as artesãs reconheceram que, com as oficinas realizadas pelo Artesanato Solidário/ArteSol, passaram a perceber que o trançado em macramê não se limita apenas à confecção de varandas e redes; ele permite a produção de produtos diversificados. Foram formados os preços dos produtos e houve a apropriação da metodologia de formação de preços pelas artesãs para a nova linha de produtos a partir da oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos. Fátima Resende explicou ainda ao grupo de Cajueirinho que os custos de produção tendem a diminuir por dois principais motivos: a compra coletiva da matéria-prima e a diminuição do tempo de produção assim que as artesãs tiverem prática na confecção das peças.

### Relação de participantes

Maria Edivanir Medeiros, Maria Solange do Nascimento, Francisca Veronisa de Freitas, Maria do Livramento do Nascimento, Maria Valnê Silveira, Maria Lucia Silva, Maria de Fátima Celestino, Márcia Maria de Sousa, Ana Claudia Marques de Freitas, Maria Edinete de Lima, Francisca Elisângela Araújo, Maria Neves de Oliveira Silveira, Maria Cecília da Silveira, Celestina Maria de Freitas Sousa, Maria de Fátima Silveira, Francisca Eurilena da Silva, Zilda Maria



da Silva, Ana Claudia Medeiros Marque, Maria Silvani Medeiros Sousa, Maria de Fátima de Maria, Maria Cleide dos Santos, Maria Lucivânia da Silva, Maria Fancineide de Vasconcelos, Maria Rosangela Medeiros, Maria Vilani Medeiros Sousa e Maria Luciene de Freitas.



Artesãs de Cajueirinho aprendem a formar preço justo para os produtos

## JIOCA DE JERICOACOARA

**Oficina:** Aprimoramento e desenvolvimento de produtos – 1ª etapa

**Data:** 10 e 11/02/2009

**Local:** Centro de Artesanato de Jericoacoara

**Instrutora:** Luciana Marinheiro, arquiteta

A primeira oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos ocorreu nos dias 10 e 11 de fevereiro de 2009 pela instrutora Luciana Marinheiro, no Centro de Artesanato de Jericoacoara. Para a sua realização o ArteSol contou com a parceria da Prefeitura de Jijoca de Jericoacoara, que forneceu o almoço para as artesãs durante os dois dias. As atividades foram acompanhadas pela consultora regional do Artesanato Solidário/ArteSol, Jacqueline Melo. Participaram da oficina 14 artesãs entre 28 e 65 anos de idade que fazem parte da Associação das Crocheteiras e Costureiras Mundojeri, com 42 sócias.

Os objetivos da oficina foram a produção de peças novas que criassem identidade com o município; análise da matéria-prima e técnicas de que dispõe o grupo para garantir a continuidade da produção; melhoria da qualidade e



diversidade de produtos do artesanato local, tendo em vista que o grupo só trabalhava no segmento da moda e não possuía peças decorativas e utilitárias para a casa; novas perspectivas de mercado para as artesãs com a confecção de novos produtos, visando a sua inserção no mercado da decoração.

A consultora Jacqueline Melo apresentou ao grupo os projetos do Artesanato Solidário/ArteSol e a relação do artesanato com o turismo. As artesãs contaram que recebem apoio do SEBRAE há um ano, já tendo passado por oficinas de vivências, associativismo e desenvolvimento de novos produtos, com confecção de colares, roupas e bolsas, envolvendo o crochê e a costura.

Nessa primeira oficina foi trabalhada a nova linha de produtos utilitários. Após conhecer todas as tramas dos pontos feitos pelo grupo, a instrutora pôs em discussão os novos produtos a serem desenvolvidos, e de que forma estes poderiam expressar as características da região. As artesãs desenharam modelos diversos de jogos americanos, porta-copos, anéis para guardanapo, descansos de panela. O resultado foram 12 novos conjuntos, além de três peças de trançados para luminárias e cortinas, produtos a serem apresentados na próxima oficina.

### **Relação de participantes**

Maria Diana de Sousa; Maria Vanda Araújo; Elivanda Marques de Araújo; Maria Aila de Sousa; Maria Clenilda de Souza; Maria Rozilda de Vasconcelos; Maria Elizângela do Nascimento; Irene Rodrigues Rodrigues Chaves; Benedita Brandão de Souza; Maria Aparecida de Barros; Maria Cleude de Andrade; Maria de Fátima Araújo; Maria Elizeuda de Andrade; Maria Aldineide de Andrade.



Oficina de produtos com artesãs de Jijoca de Jericoacoara

**Oficina:** Aprimoramento e desenvolvimento de produtos – 2º etapa

**Data:** 03 e 04/03/2009

**Local:** Centro de artesanato de Jericoacoara

**Participantes:** 12 artesãs

**Instrutora:** Luciana Marinheiro, arquiteta

A instrutora deu início à oficina com a análise, com o grupo de crocheteiras, da matéria-prima (linha), a sua compra, o preço e a variedade, a fim de verificar as condições de continuidade da produção. As artesãs disseram que a matéria-prima é facilmente encontrada em lojas de Jijoca e Sobral. A variedade de cores é grande, e o preço acessível (R\$ 6,50 o novelo).

Na oficina foram desenvolvidos novos produtos, como suplãs e descansos de panela que apresentassem ambas as técnicas praticadas pelas artesãs – crochê e trançado – e fossem inseridos alguns símbolos da natureza local no desenho de novos utilitários, para que o grupo pudesse comercializar a nova produção para a rede hoteleira e restaurantes locais.

Como resultado da oficina foram confeccionados novos produtos: portacopo, anel para guardanapo, jogos americanos com temáticas locais (peixes, praia, coqueiro, sol, duna, pôr do sol etc.), arandelas e ainda o uso do crochê, trançado e cestaria para a ampliação de mercado.

### Relação de participantes

Maria Diana de Sousa, Maria Vanda Araújo, Elivanda Marques de Araújo; Maria Aila de Sousa; Maria Clenilda de Souza; Maria Elizângela do Nascimento; Irene Rodrigues Rodrigues Chaves; Benedita Brandão de Souza; Maria Aparecida de Barros; Maria Cleude de Andrade; Maria de Fátima Araújo; Maria Aldineide de Andrade.



Artesã finalizando base trançada de suplã



Artesã fazendo acabamento em crochê em suplá

**Oficina:** Formação de preços de produtos

**Data:** 06/03/2009

**Parceira:** Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara

**Instrutora:** Maria de Fátima Medeiros Resende, especialista em economia doméstica

A oficina de formação de preços dos produtos foi realizada em 6 de março de 2009 pela instrutora Maria de Fátima Medeiros Resende. Participaram 10 artesãs (entre 28 e 44 anos de idade) da Associação das Crocheteiras e Costureiras Mundojeri, de Jijoca de Jericoacoara.

Os objetivos da oficina foram apresentar aos artesãos os princípios do comércio justo; retomar conceitos de processos de organização da produção; mostrar a relação entre trabalho e mercado do artesanato; e capacitar os artesãos na metodologia de formação de preços para os produtos de artesanato local.

As artesãs residem a uma distância de 12 km da sede da Associação, mas mesmo assim não mediram esforços para participar da oficina. Para adequar a questão do tempo, transporte e uma encomenda que teriam que entregar para um cliente no domingo, foi acordado um expediente único com apenas um pequeno intervalo para o almoço, fornecido numa parceria com a prefeitura.

A metodologia usou dinâmicas participativas. O grupo informou que já havia participado de uma oficina de preços, promovida pelo SEBRAE. A oficina resultou na transformação do item custos variáveis, em indicadores pontuais

com os respectivos valores, com a inserção da taxa de comercialização dos produtos no valor do produto final. Outros temas abordados: o Brasil e o comércio justo e solidário; o mercado globalizado do artesanato; relação de trabalho X emprego; formação de preços justos.

Como resultado da oficina foi formado o preço para um catálogo de 19 produtos, além de ter sido discutido o controle de qualidade e as embalagens. A Associação deverá organizar um portfólio com todos os produtos desenvolvidos para facilitar a participação em feiras e registrar a criatividade do grupo para as futuras gerações.

O resultado mais positivo é a fala das artesãs:

“Eu gostei muito porque da forma como foi dada, eu que não sei ler, compreendi e participei de tudo.”

“Foi muito bom porque eu não tinha ideia de como fazia tudo isso.”

“Todo mundo ficou entendendo que a taxa de comercialização não é retirada da artesã e sim do cliente.”

### **Relação de participantes**

Maria Diana de Sousa; Maria Vanda Araújo; Maria Aila de Sousa; Maria Rozilda de Vasconcelos; Maria Elizângela do Nascimento; Irene Rodrigues Rodrigues Chaves; Maria Aparecida de Barros; Maria Cleude de Andrade; Maria Elizeuda de Andrade; Maria Aldineide de Andrade.



Final da oficina de preços: artesãs reunidas

## MARANHÃO

### Barreirinhas

**Oficina:** Aprimoramento e desenvolvimento de produtos

**Data:** 26 e 27/03/2009

**Local:** Cooperativa dos Artesãos dos Lençóis Maranhenses (Artecoop)

**Instrutora:** Ana Márcia Moura, arquiteta e *designer*

O grupo é formado por mulheres entre 20 e 60 anos. As artesãs organizam-se na Cooperativa dos Artesãos dos Lençóis Maranhenses (Artecoop) e residem em vários povoados localizados na zona rural do município. Participaram da oficina 22 artesãs residentes nos seguintes povoados: Povoado de Manoelzinho (4 artesãs), Povoado de Marcelino (6), Povoado de Palmeira dos Eduardos (2), Povoado de Boa Vista (3), Povoado de Cebola (3), Povoado de Vigia (4).

A oficina teve por objetivo introduzir um repertório de produtos utilitários e decorativos, uma vez que – conforme diagnosticado na análise situacional desse município – embora produzissem peças com boa qualidade e acabamento, as artesãs possuíam um repertório voltado exclusivamente para artefatos de moda, o que limitava a abertura de novos nichos de mercado.

Durante a oficina, a instrutora observou que cada povoado detinha o domínio ou a predominância de uma técnica específica. Desse modo, Ana Márcia organizou o grupo por afinidades e técnicas desenvolvidas. Essa estratégia permitiu maximizar os resultados e consorciar as diferentes técnicas e tipologias desenvolvidas pelas artesãs dos seis povoados presentes. Ao longo de dois dias foi trabalhada a ampliação do repertório já produzido, com a introdução de peças decorativas e utilitárias como almofadas, centros de mesa, suplás, cestos e vasos.

#### Resultados obtidos

Na tipologia crochê foram confeccionadas almofadas, suplás, jogos americanos e centros de mesa, além de terem sido elaboradas malhas em crochê para cobertura de vasos e formas circulares. Em macramê foram desenvolvidos jogos americanos e suplás, além de uma cesta elaborada a partir da forma utilizada para a confecção de um chapéu (parte do repertório já desenvolvido pelas artesãs). A partir da malha de côfo foram elaborados jogos americanos e cestas. Das esteiras já fabricadas foram produzidas almofadas e, ampliando um nicho de mercado

previamente explorado pelas artesãs, foram desenvolvidas luminárias que poderiam ser vendidas a um restaurante local que já fizera encomendas ao grupo.

### Relação de participantes

Dulcimar, Maria da Graça, Rosimary Batista, Rosidete, Rosilene de Jesus Batista Parada, Sônia Maria Batista Cabral, Moziane Costas Rodrigues, Carmelita, Maria dos Milagres Pereira da Silva, Alexandrina Neves Silva, Lucivane, Maria de Jesus Menezes Diniz, Ivanete, Sandra, Rosirene Virgulino Souza, Maria de Lourdes, Paula, Ivonete, Bernarda, Maria Luiza, e Antonia.



Artesãs confeccionam um cesto com auxílio de molde



Conjunto de produtos feitos na oficina

**Oficina:** Formação de preços de produtos

**Data:** 17/04/2009

**Local:** Sede da associação

**Participantes:** 20 artesãs

**Instrutora:** Maria de Fátima Medeiros Resende, especialista em economia doméstica

Essa oficina teve por objetivo formar preços dos produtos desenvolvidos na oficina de aprimoramento de produtos ministrada pela instrutora Ana Márcia nos dias 26 e 27 de março de 2009. Como já mencionado, as artesãs possuíam um repertório voltado para moda e já tinham noções de formação de preços por conta de oficinas de capacitações realizadas anteriormente pelo SEBRAE/MA.

A instrutora iniciou as atividades introduzindo os princípios do comércio justo; em seguida, abordou a abertura de novos nichos de mercado e enfatizou os requisitos necessários para enquadrar a produção de peças de moda – já bem desenvolvida e com potencial de mercado – à rede de *fair trade*. Na segunda parte da oficina a instrutora trabalhou a formação de preço justo dos produtos utilitários confeccionados.

Primeiramente foi definido o valor da hora de trabalho dos artesãos, valor que seria contabilizado juntamente com os custos de produção dos produtos. Em seguida, a instrutora explicou como construir indicadores para a formação do preço. Para tal, colheu informações acerca dos preços das matérias-primas utilizadas nos novos produtos criados na oficina e construiu uma tabela de referência para consulta com os custos de todos os indicadores envolvidos no processo de produção. A instrutora observou que, apesar de organizadas legalmente, as artesãs ainda têm dificuldade para manter o capital de giro da Cooperativa. Diante dessa constatação, sugeriu que as artesãs praticassem uma taxa de administração de 10% sobre o custo de produção, fomentando assim o capital de giro.

Por fim, o grupo obteve o custo final de produção e definiu que os produtos seriam vendidos com um acréscimo de 20% para o consumidor final e 10% para lojistas, em grandes quantidades no atacado.

Como produto da oficina, o grupo elaborou uma tabela com os preços de cinco produtos utilitários: cachepô para assadeira, cachepô médio, suplá redondo, suplá quadrado e centro de mesa.





Artesãs da ARTECOOP durante oficina de formação de preços

## Paulino Neves

**Oficina:** Aprimoramento e desenvolvimento de produtos

**Data:** 28 e 29/03/2009

**Local:** Fundação dos Idosos

**Participantes:** 13 artesãos

**Instrutor:** Ana Márcia Moura, arquiteta e *designer*

A oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos teve lugar no município de Paulino Neves, no Povoado de Vista Alegre, nos dias 28 e 29 de março de 2009, pela instrutora Ana Márcia Moura. As atividades foram realizadas na Fundação dos Idosos e contaram com o acompanhamento da consultora regional do Artesanato Solidário/ArteSol, Jacqueline Melo. Participaram da oficina 13 artesãos.

Deve-se salientar a dificuldade de comunicação e locomoção encontrada pela equipe do Artesanato Solidário/ArteSol no município de Paulino Neves, em especial no povoado de Vista Alegre, durante os dias da oficina. Isso se



deveu ao intenso período de chuvas que assolava a região, fator que deve ser levado em consideração, uma vez que pode representar um sério entrave para colheita da matéria-prima e para a comercialização, já que o turista é o principal comprador na região.

Os objetivos da oficina foram contribuir para o desenvolvimento de um repertório de produtos para comercialização. Além das sacolas já produzidas, introduzir uma linha de produtos utilitários e de decoração, e consorciar as técnicas dominadas pelas artesãs para a produção de uma linha diferenciada de produtos.

## Conteúdo desenvolvido

Buscou-se a valorização do potencial das artesãs do Povoado de Paulino Neves com a utilização da grande gama de técnicas dominadas (macramê, crochê, ponto batido fechado e malha de côfo) para a produção de peças diferenciadas.

O grupo é formado majoritariamente por mulheres com idades entre 18 e 67 anos que dominam as técnicas de confecção do linho da carnaúba. O saber artesanal é repassado de geração a geração; as artesãs aprendem, desde cedo, técnicas como macramê, crochê, ponto batido fechado e malha de côfo. Várias artesãs trabalham há muitos anos com artesanato. Apesar dessa riqueza técnica, até a realização da oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos o grupo só produzia e comercializava uma sacola, vendida a preços irrisórios a turistas que visitavam o povoado.

Durante a oficina, as consultoras do Artesanato Solidário/ArteSol diagnosticaram que, apesar de possuírem um grande potencial para a atividade artesanal, as artesãs têm também uma grande dificuldade de relacionamento entre si; esse fator é prejudicial e pode vir a comprometer o desenvolvimento do grupo, principalmente no que diz respeito à organização do trabalho coletivo e gestão associativa.

A instrutora Ana Márcia Moura iniciou a oficina com a organização das artesãs de acordo com a afinidade e potencial de cada uma: foram formados quatro grupos, que se dedicaram respectivamente à técnica do macramê, realizado no tear de madeira e base para a confecção de muitas peças; ao crochê; ao ponto malha de côfo e finalmente às técnicas de trançados e cestaria.

Foram discutidas diversas opções para aprimorar e desenvolver novos produtos a partir das técnicas dominadas pelas artesãs; por meio de um exercício

coletivo, estas decidiram, por consenso, investir na confecção de peças utilitárias para casa e decoração. A instrutora elaborou moldes para a confecção de jogos americanos, suplãs, argolas de guardanapo, dentre outros.

O primeiro grupo dedicou-se às técnicas do macramê e, por dominar diversos pontos, desenvolveu várias opções de jogos americanos. O segundo grupo consorciou técnicas do crochê com a esteira trançada por algumas artesãs e produziu jogos americanos, suplãs, argolas de guardanapo e centros de mesa. O terceiro grupo, por sua vez, utilizando as técnicas da confecção da sacola e, por meio do ponto malha de côfo, do crochê e da esteira, produziu carteiras de mão. O quarto grupo criou jogos americanos multicoloridos, usando a técnica do tear de pente com linho de buriti e fio de algodão.

É importante salientar que as artesãs já utilizavam técnicas de tingimento natural da fibra e tinham fácil acesso ao buriti, matéria-prima mais utilizada por todas, o que valorizou e trouxe resultados para a oficina.

### **Relação de participantes**

Angela Maria Pereira Ramos; Maria Antonia Sousa Reis; Maria Nilza dos Reis Candeias; Maria Antônia Pereira dos Santos; Edi Maria Pereira; Maria de Jesus Araújo da Rocha; Maria dos Milagres Ramos Araújo; Fabiana Pereira; Ana Alice Pereira; Francisco das Chagas Cabral (trabalha há 50 com artesanato); Maria de Jesus Silva; Bernarda Alves Medeiros; e Misse Reis de Araújo.



Artesã trança a trama



Artesã faz acabamento



Artesã finaliza um tapete

**Oficina:** Formação de preços dos produtos

**Data:** 14 e 15/04/2009

**Local:** Residência da artesã d. Maria Antônia

**Instrutora:** Maria de Fátima Medeiros Resende, especialista em economia doméstica

A oficina de formação de preços dos produtos foi realizada no município de Paulino Neves, no Povoado de Vista Alegre, nos dias 14 e 15 de abril de 2009, pela instrutora Maria de Fátima Medeiros Resende. As atividades desenvolvidas ao longo dos dois dias de oficina foram realizadas na residência da artesã d. Maria Antônia e contaram com a presença de 21 artesãos.

Conforme já mencionado, o grupo é formado majoritariamente por mulheres com idade entre 18 e 67 anos e que dominam as técnicas de confecção do linho da carnaúba. Contudo, conforme também já mencionado, o grupo produzia e comercializava somente uma sacola, vendida a preços irrisórios a turistas que visitam o povoado. Todas as artesãs produzem o mesmo modelo de sacola, que é vendida entre R\$ 3,00 e R\$ 6,00, de acordo com a estação do ano. Na alta estação, cada artesã chega a faturar cerca de R\$ 40,00 mensais.

A primeira atividade consistiu num exercício sobre as quatro zonas de convivência do indivíduo. O objetivo foi sensibilizar o grupo em relação aos seus comportamentos individuais e coletivos.

Após essa introdução, a instrutora deu início à apresentação dos princípios do comércio justo, para então iniciar a formação de preços justos dos produtos confeccionados.

Foi definido o valor da hora de trabalho dos artesãos, o qual seria contabilizado juntamente com os custos de produção do produto. Para calcular o valor da hora de trabalho, a instrutora envolveu coletivamente os 21 artesãos presentes e tomou como base o tempo gasto para a produção da tradicional sacola confeccionada pelo grupo. É importante salientar que a falta de coesão do grupo facilita a atuação direta de atravessadores: embora formem preços similares para as sacolas que produzem, as artesãs o fazem de modo individual, o que elimina seu poder de barganha e permite que o preço final seja ditado por atravessadores, que pagam pelo produto preços inferiores aos custos de produção. Como agravante dessa situação, é comum a prática de um pagamento adiantado de R\$ 50, o que obriga a artesã a entregar ao final do mês 40 sacolas ao atravessador, a um preço final de R\$ 1,25 por sacola, valor muito inferior ao preço de venda praticado (R\$ 3 a R\$ 6). Vale ressaltar que esses valores já são inferiores aos custos efetivos que cada artesã tem na produção.

A instrutora ensinou como construir indicadores para a formação do preço. Para tal, colheu informações com o grupo acerca dos preços das matérias-primas utilizadas e construiu uma tabela para consulta com os custos de todos os indicadores envolvidos no processo de produção. As artesãs perceberam que compravam os produtos de maneira individual pagando mais, e a instrutora incentivou-o a pesquisar melhores preços e comprar o material necessário de forma coletiva, no atacado, negociando um preço menor, o que diminuiria substancialmente os custos de produção. As artesãs também foram incentivadas a vender sua produção coletivamente, uma vez que a ingerência de atravessadores é um dos maiores entraves para a comercialização de seus produtos a preços justos.

**Oficina:** Organização do trabalho coletivo

**Data:** 16/03/2009

**Local:** Residência da artesã d. Maria Antônia

**Participantes:** 19 artesãos

**Instrutora:** Maria de Fátima Medeiros Resende, especialista em economia doméstica

A oficina teve por objetivo introduzir conceitos e boas práticas como estímulo à organização do trabalho coletivo e gestão associativa. Para tal, foram utilizados instrumentos facilitadores que demonstraram os custos envolvidos na atuação individual e os benefícios envolvidos na atuação coletiva; foram introduzidos também métodos práticos para a gestão associativa e as potencialidades para a formalização da associação.

A instrutora deu início à oficina com uma atividade de dinâmica em grupo. O objetivo foi apresentar as artesãs e permitir que as mesmas se reconhecessem como parte do grupo. A seguir, ela discorreu sobre os princípios da cooperação e os benefícios da atuação coletiva. Por fim, introduziu temas, como “O que é uma associação”, “Por que fazer parte de uma associação” e “Direitos e deveres do associado”.

Após essa introdução, a instrutora desenvolveu métodos práticos que auxiliaram a organização do trabalho coletivo e gestão associativa do grupo.

A instrutora explicou a importância de controlar a saída das peças, em um primeiro momento por artesã, por meio das fichas de produtos; e em um segundo momento, pelo grupo, por meio do livro-caixa; mostrou às artesãs como utilizar o livro-caixa; assim como demonstrou a importância deste instrumento para o controle de todas as movimentações do grupo – entrada e saída de capital e produtos; por fim, explicou como sua utilização gera transparência e é fundamental para a organização do trabalho coletivo e o controle mensal de vendas do grupo.

Ao final da oficina, a instrutora incentivou o grupo a eleger dois representantes informais do grupo. Fabiana Pereira, 25 anos, foi eleita titular, e Rose-nilda, suplente. As artesãs mostraram-se motivadas a organizar um espaço de produção coletiva na residência de d. Ana, inclusive como um ponto de comercialização dos produtos, uma vez que o grupo não tem uma sede própria.

## Resultados obtidos

As artesãs tiveram instruções de como utilizar o livro-caixa, trabalhar com uma taxa administrativa para controle de capital de giro e organizaram um portfólio preliminar de 12 produtos. Foram eleitas duas artesãs como representantes informais do grupo, que se mostrou motivado a organizar um espaço de produção e comercialização informal na residência de uma das artesãs.

## PIAUÍ

### Parnaíba – Bairro João XXIII

**Oficina:** Aprimoramento e desenvolvimento de produtos – 1ª etapa

**Data:** 06 e 07/12/2008

**Local:** Escola Municipal do Bairro João XXIII

**Grupo:** Artesãos do Bairro João XXIII

**Instrutora:** Ana Márcia Moura, arquiteta e *designer*

A primeira oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos foi realizada nos dias 6 e 7 de dezembro de 2008 pela instrutora Ana Márcia Moura, com os artesãos do Bairro João XXVIII. As atividades desenvolvidas ao longo dos dois dias de oficina foram acompanhadas pela consultora regional do Artesanato Solidário/ArteSol, Jacqueline Melo. Participaram da oficina oito artesãos.

Os objetivos da oficina foram aprimorar as técnicas de trançado existentes; introduzir novos desenhos e formas por meio de moldes para ampliar o repertório de produtos do grupo; e utilizar moldes e gabaritos para trançar as peças com maior precisão.

Os conteúdos da oficina foram a introdução de novos desenhos e formas através da utilização de moldes; o aprimoramento das peças produzidas tradicionalmente; o aprimoramento das peças esféricas e a introdução de técnicas de tingimento de peças planas.

O grupo é formado majoritariamente por homens com idades entre 20 e 39 anos em situação de fragilidade social; muitos deles possuem problemas com álcool e drogas, assim como outros moradores do bairro João XXVIII.

Os artesãos têm um bom conhecimento das técnicas do trançado, ensinadas por seus pais, que também exercem o ofício. Apesar de possuírem um volume de vendas que ultrapassa 4 mil unidades/mês, as peças produzidas – tanto pelos pais quanto pelos filhos – são vendidas a baixos custos<sup>1</sup> para atravessadores, que as revendem em grandes centros comerciais como Natal/RN e Fortaleza/CE.

Os artesãos mais velhos sofrem diretamente a imposição comercial ditada pelos atravessadores. Muitos deles foram entrevistados em julho de 2008 pela equipe do Artesanato Solidário/ArteSol, como parte das ações previstas para a entrega do *Produto III* (Análise Situacional) e demonstraram interesse em participar do projeto. Contudo, não puderam participar da oficina na data programada, pois tinham que entregar encomendas feitas pelos atravessadores. Como alternativa, indicaram seus filhos, que participaram das oficinas com muito envolvimento e dedicação e, segundo Jacqueline Melo, “com muita vontade de ver seus produtos sendo vendidos fora da mão de um atravessador”.

Durante a oficina os artesãos relataram que o acesso à matéria-prima (cipó de leite) é muito difícil; para adquiri-la, eles são obrigados a acampar na mata por aproximadamente três dias e retirar o cipó das margens do rio Parnaíba. Caso optem por comprar o cipó, têm de pagar cerca de R\$ 70,00 o milheiro.

No primeiro dia de atividades, a instrutora Ana Márcia Moura introduziu moldes e desenhos de novas peças; o objetivo era explorar o potencial e a plasticidade do material para que os artesãos pudessem aumentar e aprimorar o repertório existente, com peças utilitárias e decorativas de diferentes dimensões e formatos.

Inicialmente os artesãos não conseguiram produzir com desenvoltura algumas peças sugeridas pela instrutora, principalmente as esféricas. Diante dessa dificuldade, a instrutora sugeriu dar prosseguimento a essa tentativa em uma segunda oficina de aprimoramento de produtos, na qual introduziria bolas e outras formas esféricas. Apesar da dificuldade inicial para trabalhar novas formas e peças, os resultados foram bons, uma vez que os artesãos são ágeis e executam o trançado com rapidez e dedicação. Foram produzidas 11 peças grandes no primeiro dia de atividades.

---

<sup>1</sup> Os preços de venda dos produtos para os atravessadores variam de R\$ 2,50 (cesta para recém-nascido) a R\$ 3,50 (cesta de Natal).



No segundo dia de oficina a instrutora introduziu opções de tingimento do cipó de leite em peças como discos planos, com o objetivo de montar painéis decorativos. Nesse dia, foram produzidas seis peças.

## Resultados obtidos

A técnica de utilização de moldes e gabaritos foi introduzida com vistas a aprimorar o trançado das peças; foram introduzidas novas formas e desenhos para a ampliação do repertório de produtos; e técnicas de tingimento foram repassadas. Os artesãos sentiram dificuldade de trabalhar com peças esféricas nessa primeira etapa; o conteúdo seria novamente trabalhado na segunda etapa da oficina.

### Relação de participantes

Francisco das Chagas Alves de Sousa (Chiquinho); Carlos Antonio Pereira de Sousa; Edilson Alves de Sousa; Antonio Carlos Pereira de Sousa; Márcio dos Santos Martins; Ivan Andrade Sousa; Sebastião Roberto de Sousa; e Rafael dos Santos Cardoso.



Artesão durante preparo da fibra



Artesão durante trançado de cesto esférico



Produtos resultantes da oficina de produto

**Oficina:** Aprimoramento e desenvolvimento de produtos – 2ª etapa

**Data:** 24 e 25/01/2009

**Instrutor:** Ana Márcia Moura, arquiteta e *designer*

A segunda oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos foi realizada nos dias 24 e 25 de janeiro de 2009 pela instrutora Ana Márcia Moura, novamente sob o acompanhamento da consultora regional do Artesanato Solidário/ArteSol, Jacqueline Melo. Os artesãos optaram por realizar a oficina na residência de Sebastião, que tem 30 anos e trabalha com o artesanato há 15. Participaram da oficina 10 artesãos. Segundo as consultoras, realizar a oficina na residência de Sebastião foi uma boa oportunidade para que os integrantes pudessem conversar uma vez mais sobre os problemas que enfrentam com o álcool e outras drogas.

A oficina teve como objetivos dar continuidade às ações iniciadas em oficina anterior; aprimorar o trançado de peças esféricas; aprimorar as técnicas de trançado existentes; e utilizar moldes e gabaritos para trançar as peças com maior precisão.

A instrutora trabalhou com o grupo os seguintes temas: aprimoramento das peças esféricas; utilização de moldes; introdução ao consórcio de tipologias: cerâmica e vasos; desenvolvimento de novas peças; e finalização das peças confeccionadas nas duas oficinas.

As consultoras retomaram os conceitos para aprimoramento das peças, padrões e medidas; desse modo, foi introduzido o uso de moldes. Foram usadas bolas para a execução de peças esféricas, assim como vasos de cerâmica para a execução de cachepôs, o que, segundo a instrutora, representa uma oportunidade de consorciar dois materiais, uma vez que a produção artesanal de cerâmica na região tem boa qualidade e grande potencial de comercialização. Durante a oficina foram utilizados dois milheiros de cipó de leite e produzidas 25 peças.

Os resultados da oficina: As técnicas do trançado foram claramente aprimoradas, principalmente no que diz respeito às peças esféricas, e os artesãos tiveram seu repertório de produtos ampliado, com a produção de 25 peças, utilizando-se ainda técnicas de consórcio de tipologias, com vasos e cerâmicas.

## Relação de participantes

Francisco das Chagas Alves de Sousa (Chiquinho); Carlos Antonio Pereira de Sousa; Edilson Alves de Sousa; Antonio Carlos Pereira de Sousa; Márcio dos Santos Martins; Ivan Andrade Sousa; Sebastião Roberto de Sousa; Rafael dos Santos Cardoso; José Roberto Lira Brito; e Benevildo de Lima Aragão.



Artesão inicia a base de um cesto



Artesãos no processo de confecção de cestos





Trançados consorciados com cerâmica



Processo para a confecção de cachepô

**Oficina:** Formação de preços dos produtos

**Data:** 9 e 10/02/2009

**Local:** Residência do artesão Francisco das Chagas Alves de Sousa (Chiquinho)

**Grupo:** Bairro João XXIII

**Instrutor:** Maria de Fátima Medeiros Resende, especialista em economia doméstica

A oficina de formação de preços dos produtos no bairro João XXIII foi realizada entre os dias 09 e 10 de fevereiro de 2009 pela instrutora Maria de Fátima Medeiros Resende. Participaram da oficina 6 artesãos. O baixo número de participantes se deve aos seguintes motivos: acidente de moto sofrido por um dos artesãos; as fortes chuvas; e uma grande encomenda que o grupo teria que entregar a um atravessador de Natal/RN, naquela ocasião.

Os objetivos da oficina foram a apropriação dos princípios do comércio justo e dos conceitos de processos de organização da produção; mostrar a relação entre trabalho e mercado do artesanato; e capacitar os artesãos na metodologia de formação de preços para os produtos de artesanato local.

A primeira atividade consistiu na apresentação da denominada “Janela de Johari”, onde são descritas as quatro zonas de convivência do indivíduo, com o objetivo de sensibilizar os artesãos em relação aos seus comportamentos individuais e coletivos, despertando o grupo para a atuação e gestão associativa.

O conteúdo trabalhado com o grupo abrangeu um acordo de convivência, o artesão e o artesanato de tradição, conceitos de comércio justo, a relação do trabalho X empregabilidade.

Nas atividades práticas foi definido o valor da hora de trabalho dos artesãos, valor este que seria contabilizado juntamente com os custos de produção do produto. Para calcular tal valor, os artesãos foram divididos em três duplas. No entanto, a instrutora apontou que os resultados dos cálculos foram obtidos de um modo relativamente individual, uma vez que, segundo ela, o grupo apresenta um baixo grau de organização coletiva; isso se reflete no processo de comercialização e na grande ingerência de atravessadores sofrida pelo grupo nesse processo.

Como resultado da oficina foram calculados os preços justos de 22 produtos apresentados pelo grupo. Espera-se a diminuição ou finalização da ingerência de atravessadores, uma vez que os artesãos conhecem agora os custos envolvidos na produção, o que aumenta seu poder de barganha.

### **Relação de participantes**

Francisco das Chagas Alves de Sousa (Chiquinho); Edilson Alves de Sousa; Márcio dos Santos Martins; Ivan Andrade Sousa; Sebastião Roberto de Sousa; e Rafael dos Santos Cardoso.

## Parnaíba – Bairro Santa Luzia

**Oficina:** Aprimoramento e desenvolvimento de produtos

**Data:** 26 e 27/01/2009

**Local:** Associação Marias dos Agaves – Trançados em Fibras (AAMT)

**Grupo:** Santa Luzia – Associação Marias dos Agaves – Trançados em Fibras (AAMT)

**Instrutora:** Ana Márcia Moura, arquiteta e *designer*

A oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos no bairro Santa Luzia foi realizada nos dias 26 e 27 de janeiro de 2009, pela instrutora Ana Márcia Moura. As atividades desenvolvidas ao longo dos dois dias de oficina foram acompanhadas pela consultora regional do Artesanato Solidário/ArteSol, Jacqueline Melo. Participaram da oficina 12 artesãs.

O grupo é formado exclusivamente por mulheres com idades entre 26 e 66 anos, organizadas na Associação Marias dos Agaves – Trançados em Fibras (AAMT). Este nome foi dado porque todas as artesãs participantes se chamam Maria, fato interessante e agregador de valor ao grupo. Todas trabalham há mais de 15 anos com trançados. A mestre-artesã e a mais velha do grupo chama-se Francisca Maria da Conceição Santos. Com 66 anos, vive do ofício há 35 anos; com a renda obtida com o artesanato, educou suas filhas, que hoje também são artesãs e fazem parte da Associação.

A matéria-prima usada pelas artesãs é o agave, espécie de sisal típico do semiárido brasileiro. Para a oficina foram utilizados cinco quilos de agave, a um custo de R\$ 10/kg. A matéria-prima é encontrada nas regiões de Parnaíba/PI, Fortaleza/CE e Natal/RN.

A instrutora iniciou a oficina com o tingimento da matéria-prima com um corante denominado tintol. Após o tingimento da fibra, as artesãs iniciaram o trançado do agave, base para a confecção de todos os produtos. Em seguida, as artesãs e a instrutora desenharam juntas moldes para novas peças em um pedaço de papelão, que foi utilizado como gabarito para costura das tranças. Após retirarem a trama costurada do papelão, as artesãs bordaram o entremeio das peças com pontos já conhecidos por elas, como: “caseado” e “teia de aranha”.

O aprimoramento do produto se deu por meio da introdução de novas cores, da aplicação de novos arranjos em flores e, principalmente, das novas dimensões trabalhadas, o que resultou em uma nova linha de produtos decora-



tivos e utilitários como carteiras, tiaras, jogos americanos, porta-guardanapos, centros de mesa, panos de bandeja redondos e quadrados. Durante a oficina foram produzidas 12 peças.

O conteúdo da oficina consistiu na introdução de uma nova linha de produtos decorativos e utilitários (carteiras, tiaras, jogos americanos, porta guardanapos, centros de mesa); a introdução de novas cores; aplicação de novos arranjos em flores; e a introdução de novas dimensões nas peças.

### Relação de participantes

Francisca Maria da Conceição Santos; Maria Rosário Alves Santos; Maria do Livramento Rodrigues dos Santos; Lurdes Maria da Silva Oliveira; Maria das Mercedes da Silva; Cilândia Maria de Carvalho; Elda Maria dos Santos; Liliane Maria Oliveira Vasconcelos; Edna Maria dos Santos Lima; Maria de Fátima Lima Costa; Maria José dos Santos Lima; e Maria dos Remédios de Lima Lopes.



Matéria-prima agave após tingimento



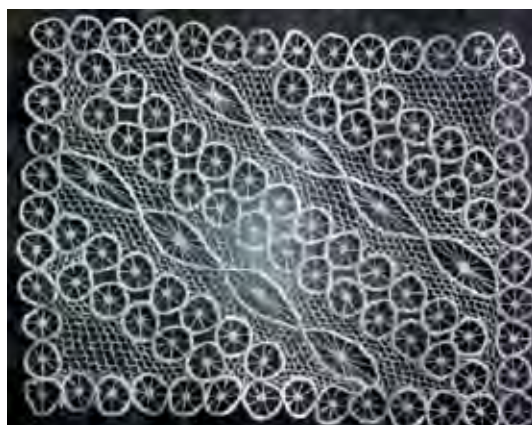
Início do molde



Fuxicos e centros de mesa confeccionados com o agave



Flores e aplicações com o agave



Jogo americano

**Oficina:** Formação de preços de produtos

**Data:** 26 e 27/01/2009

**Grupo:** Associação Marias dos Agaves – Trançados em Fibras (AAMT)

**Instrutora:** Maria de Fátima Medeiros Resende, especialista em economia doméstica

A oficina de formação de preços dos produtos com as artesãs da Associação Marias dos Agaves – Trançados em Fibras (AAMT) foi realizada nos dias 26 e 27 de janeiro de 2009 pela instrutora Maria de Fátima Medeiros Resende. Participaram da oficina 12 artesãs.

O grupo das Marias possui um pequeno espaço de comercialização de fácil acesso, que permite a visita de compradores, fator que vem contribuindo para um aumento gradativo das vendas.

Os objetivos da oficina neste grupo já organizado foram a apropriação dos princípios do comércio justo; a retomada de conceitos de processos de organização da produção; mostrar a relação entre trabalho e mercado do artesanato; e capacitar os artesãos na metodologia de formação de preços para os produtos de artesanato local.

De acordo com as artesãs, os produtos estão classificados em duas coleções: *coleção SEBRAE*, desenvolvida durante oficinas de capacitação promovidas pelo SEBRAE/PI, e a coleção “Criação de produtos”, também conhecida como coleção “ArteSol”, pelo fato de ter sido desenvolvida durante a oficina de aprimoramento e desenvolvimento de produtos de 24 e 25 de janeiro de 2009.

A instrutora observou que não havia padronização de preços para a venda, tanto para consumidor final quanto para o lojista: cada artesã praticava um preço com diferentes margens, aleatoriamente. Discutiram-se com o grupo a importância das artesãs adotarem um preço comum que correspondesse aos custos reais de produção, e ainda a uniformidade de preços, fato que aumentaria a credibilidade e volume de vendas do grupo uma vez que ao conhecer os custos reais de produção as artesãs poderiam praticar e negociar diferentes margens de lucro com o cliente sempre tendo em vista o valor mínimo que poderiam negociar sua produção.

Primeiramente foi definido o valor da hora de trabalho dos artesãos, valor este que seria contabilizado com os custos de produção do produto. Em seguida, a instrutora mostrou como construir indicadores para a formação do preço. Para tal, colheu informações acerca dos preços das matérias-primas utilizadas nos produtos e construiu uma tabela para consulta com os custos

de todos os indicadores envolvidos no processo de produção. Foi constatado que as artesãs adquirem a fibra do agave individualmente a um custo de R\$ 10/kg. Fátima observou que se as artesãs optarem pela compra coletiva, os custos com compra de matéria-prima serão mais baixos, pois as vendas a partir de 30 quilos são feitas no atacado. Isso significaria uma economia de 40% e uma diminuição substantiva dos custos de produção.

Como resultado da oficina houve a formação de preços de 12 peças e a apropriação da metodologia de formação de preços pelas artesãs. A percepção de que, caso comprem a matéria-prima coletivamente, poderão ter uma redução de cerca de 40%, foi um fator motivador que levou o grupo a buscar também a compra coletiva de outras matérias-primas como o corante, reduzindo ainda mais o custo da produção.

O grupo mostrou-se bastante motivado com os resultados da oficina e se comprometeu a pesquisar meios para adquirir a matéria-prima coletivamente, além de comprar corantes em grandes quantidades e dividi-los proporcionalmente por artesã. Adotarão também, a partir dessa oficina, uma taxa de administração de R\$ 0,50 por peça vendida, com vistas a fomentar o capital de giro da Associação.

### **Relação de participantes**

Francisca Maria da Conceição Santos; Maria Rosário Alves Santos; Maria do Livramento Rodrigues dos Santos; Lurdes Maria da Silva Oliveira; Maria das Mercedes da Silva; Cilândia Maria de Carvalho; Elda Maria dos Santos; Liliane Maria Oliveira Vasconcelos; Edna Maria dos Santos Lima; Maria de Fátima Lima Costa; Maria José dos Santos Lima; e Maria dos Remédios de Lima Lopes.



Parte do grupo das Marias do bairro de Santa Luzia

## Considerações finais e sugestões

Realizado entre abril de 2008 e maio de 2009, o projeto de consultoria técnica especializada para a identificação de grupos de artesãos, por meio da realização de dois diagnósticos e oito análises situacionais, além da realização de 18 oficinas voltadas para o desenvolvimento e adequação da produção de artesanato associada ao turismo, nas áreas do Parque Nacional de Jericoacoara, Delta do Parnaíba, Lençóis Maranhenses, gerou os seguintes resultados:

- ✓ Dois diagnósticos elaborados;
- ✓ Oito análises situacionais elaboradas;
- ✓ 18 oficinas realizadas;
- ✓ Sete localidades atendidas;
- ✓ Elaboração de 24 fichas de produtos;
- ✓ 288 horas-aula ministradas;
- ✓ Cerca de 130 artesãos diretamente beneficiados;
- ✓ Cerca de 650 pessoas indiretamente beneficiadas;

O Artesanato Solidário/ArteSol, em parceria com o Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS), certamente contribuiu para a promoção do desenvolvimento local e geração de renda dessas três áreas, ao identificar grupos de artesanato e capacitá-los para aprimorar, desenvolver e comercializar seus produtos. Tais resultados, embora muito satisfatórios, representam apenas o início de um grande desafio: promover, de forma sustentável, a geração de renda dos grupos selecionados por meio da valorização do artesanato associado ao turismo.

Com vistas a garantir que os resultados alcançados ao longo do projeto tenham continuidade, alguns fatores devem ser considerados:

- 1) As ações desenvolvidas ao longo desses 13 meses tiveram um caráter pontual de diagnóstico de localidades com potencial de geração de renda por meio do artesanato e de capacitação dos grupos identificados para a produção de artesanato associado ao turismo, contribuindo, a médio prazo, para a geração de renda desses grupos. Contudo, é preciso ter em mente que essas ações pontuais representam um primeiro passo para a real promoção do desenvolvimento local. Sem os incentivos adequados e o acompanhamento

técnico apropriado (como a gestão associativa, formalização da associação, apoio à comercialização e comércio justo), os esforços empreendidos correm o risco de se perderem.

- 2) As ações foram desenvolvidas com grupos em diferentes estágios de organização, desde associações já formalizadas até grupos de artesãos recém-formados. Portanto, esses grupos necessitaram de um acompanhamento técnico por um período superior ao já direcionado, considerando os diferentes estágios em que se encontram.

Para tanto, o Artesanato Solidário/ArteSol sugere a continuidade das ações da seguinte forma:

- Para os grupos recém-formados dos municípios de Cruz/CE, Camocim/CE, Paulino Neves/MA e no Bairro Santa Luzia/PI, as ações seriam voltadas para o fortalecimento do trabalho coletivo, gestão associativa, visando a formalização das associações e o aprimoramento dos produtos já desenvolvidos.
- Para todos os grupos consolidados, as ações seriam voltadas para capacitação dos artesãos nos princípios do comércio justo; no apoio à comercialização de produtos; elaboração de um catálogo e etiquetas de produtos; promoção de ações para participação em feiras regionais e nacionais; bem como a inserção dos grupos no site do Artesanato Solidário/ArteSol.

Dessa forma, de acordo com a experiência e tecnologia social adquirida ao longo de dez anos e cerca de cem projetos realizados, o Artesanato Solidário/ArteSol está apto a desenvolver e executar uma nova etapa de apoio a esses grupos, colocando-se à disposição do Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS).



## ANEXO – FICHAS DE PRODUTOS

PIAUÍ

Parnaíba



**Produto:** Vaso de pé

**Matéria-prima:** Fibra de cipó de leite natural

**Técnica:** Trançado

**Dimensões:** 28 x 80 cm

**Localidade :** Bairro João XXIII – Parnaíba





**Produto:** Cesta grande e baixa

**Matéria-prima:** Fibra de cipó de leite natural

**Técnica:** Trançado

**Dimensões:** 70 cm (diâmetro) x 8 cm

**Localidade:** Bairro João XXIII – Parnaíba



**Produto:** Vaso redondo grande

**Matéria-prima:** Fibra de cipó de leite natural e tingido

**Técnica:** Trançado

**Dimensões:** 40 cm (diâmetro) x 37 cm

**Localidade:** Bairro João XXII – Parnaíba



**Produto:** Painel de parede / Centro de mesa

**Matéria-prima:** Fibra de cipó de leite natural e tingido

**Técnica:** Trançado

**Dimensões:** 60 x 120 cm

**Localidade:** Bairro João XXII- Parnaíba



**Produto:** Centro de mesa

**Matéria-prima:** Fibra de agave natural e tingida

**Técnica:** Trançado

**Dimensões:** 35 x 115 cm

**Localidade:** Bairro Santa Luzia – Parnaíba



**Produto:** Carteira multicolor

**Matéria-prima:** Fibra de agave tingida e forrada em tecido

**Técnica:** Trançado

**Dimensões:** 14 x 24 cm

**Localidade:** Bairro Santa Luzia – Parnaíba

## CEARÁ

### Camocim



**Produto:** Porta-guardanapo

**Matéria-prima:** Fibra de tucum

**Técnica:** Crochê

**Dimensões:** 6 cm

**Localidade:** Camocim



**Produto:** Bolsa flor de tucum

**Matéria-prima:** Fibra de tucum

**Técnica:** Trançado a mão

**Dimensões:** 40 x 32 cm

**Localidade:** Camocim

## Cruz



**Produto:** Jogo americano transversal

**Matéria-prima:** tecido popeline branco e linha branca

**Técnica:** Macramê

**Dimensões:** 45 x 1,45 cm

**Localidade:** Cruz



**Produto:** Manta xadrez amarelo

**Matéria-prima:** Tecido popeline e linha branca

**Técnica:** Macramê

**Dimensões:** 80 x 150 cm

**Localidade:** Cruz

### Jijoca de Jericoacoara



**Produto:** Jogo americano completo

**Matéria-prima:** Linha de crochê

**Técnica:** Crochê

**Dimensões:** 42 x 28 cm

**Localidade:** Jijoca de Jericoacoara





**Produto:** Porta-copo, anel para guardanapo e jogo americano

**Matéria-prima:** Linha

**Técnica:** Crochê

**Dimensões:** 50 x 31 cm (jogo americano); 11,5 x 12,5 cm (porta-copo)

**Localidade :** Jijoca de Jericoacoara



**Produto:** Porta-copo, anel para guardanapo e jogo americano

**Matéria-prima:** Linha de crochê

**Técnica:** Crochê

**Dimensões:** 44 x 28 cm (jogo americano), 10 x 10 cm (porta-copo)

**Localidade :** Jijoca de Jericoacoara



**Produto:** Descanso de panela / Suplá

**Matéria-prima:** Linha de crochê / Fibra de carnaúba

**Técnica:** Crochê / Trançado de carnaúba

**Dimensões:** 30 cm (diâmetro do suplá)

**Localidade:** Jijoca de Jericoacoara

## MARANHÃO

### Barreirinhas



**Produto:** Cestinha retangular em malha de côfo

**Matéria-prima:** Linho de buriti tingido

**Técnica:** Trançado

**Dimensões:** 32 cm x 12 cm

**Localidade:** Barreirinhas





**Produto:** Luminária de macramê

**Matéria-prima:** Linho de buriti tingido e estrutura em metal

**Técnica:** Macramê

**Dimensões:** 35 x 55 x 24 cm

**Localidade:** Barreirinhas



**Produto:** Jogo americano com ponto abacaxi

**Matéria-prima:** Linho de buriti tingido

**Técnica:** Crochê

**Dimensões:** 33 x 45 cm

**Localidade:** Barreirinhas



**Produto:** Jogo americano de flores

**Matéria-prima:** Linho de buriti cru e tingido

**Técnica:** Crochê

**Dimensões:** 33 x 50 cm

**Localidade:** Barreirinhas



**Produto:** Cestinha com ponto fechado

**Matéria-prima:** Linho de buriti tingido

**Técnica:** Trançado

**Dimensões:** 16 cm x 20 cm x 10 cm

**Localidade:** Barreirinhas



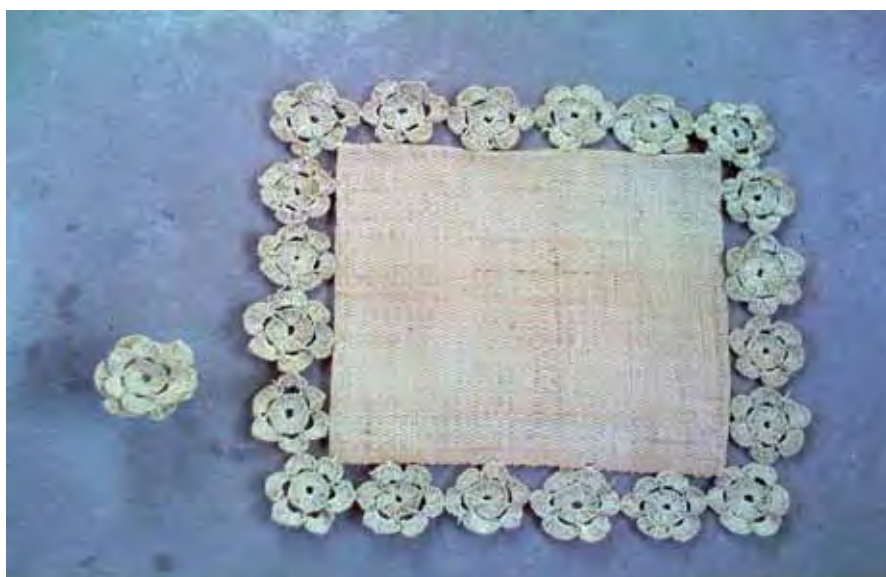
**Produto:** Centro de mesa com flores

**Matéria-prima:** Linho de buriti cru e tingido

**Técnica:** Crochê

**Dimensões:** 37 x 12 cm

**Localidade:** Barreirinhas



**Produto:** Suplá com flores

**Matéria-prima:** Linho de buriti cru

**Técnica:** Tecido em tear manual e crochê

**Dimensões:** 35 x 35 cm

**Localidade :** Paulino Neves



**Produto:** Carteira em malha de côfo

**Matéria-prima:** Linho de buriti cru e tingido

**Técnica:** Tecido em tear manual

**Dimensões:** 12 x 24 cm

**Localidade:** Paulino Neves



SHIS QI 05 CC Gilberto Salomão  
Bloco E, sobreloja 29, sala 3  
CEP 71615-550 – Lago Sul, Brasília - DF  
Telefone: (61) 3364.6005 / Fax: (61) 3364.6011  
Celular: (61) 8413.9285  
[www.iabs.org.br](http://www.iabs.org.br) / [iabs@iabs.org.br](mailto:iabs@iabs.org.br)



PRODUÇÃO E EDIÇÃO FINAL: Tereza Vitale  
CLSW 302 – Bloco B – Sala 123 – Ed. Park Center  
CEP 70673-612 – Setor Sudoeste – Brasília, DF  
Telefax: (61) 3033-3704/9986-3632  
e-mail: [tereza@intertexto.net](mailto:tereza@intertexto.net)  
[editorial.abare@gmail.com](mailto:editorial.abare@gmail.com)